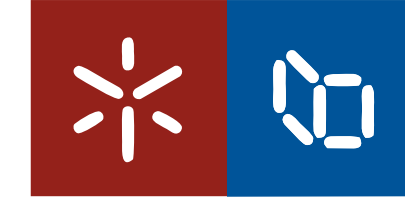




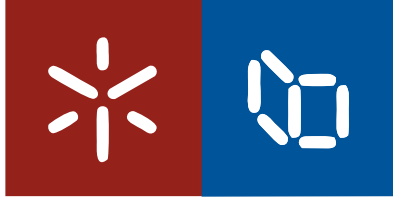
**Relativas cortadoras no português europeu  
falado: interação com as variáveis sociais**

Catarina Selas Santos

**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas







**Universidade do Minho**

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Catarina Selas Santos

**Relativas cortadoras no português europeu  
falado: interação com as variáveis sociais**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho Efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Pilar Barbosa**

### Anexo 3

#### DECLARAÇÃO

Nome: Catarina Selas Santos

Endereço electrónico: katarinaselas@gmail.com Telefone: 917632960

Número do Bilhete de Identidade: 13535957

Título dissertação: Relativas cortadoras no português europeu falado: interação com as variáveis sociais

Orientador(es): Prof.<sup>a</sup> Doutora Pilar Barbosa

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências da Linguagem

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

**É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar, caso tal seja necessário, nº máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.), APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;**

Universidade do Minho, 30/07/2014

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

Começo por dedicar esta tese ao meu pai e à minha mãe, por serem as pessoas mais importantes na minha vida e porque sem o seu amor e apoio incondicional, este trabalho não teria sido concretizado.

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Pilar Barbosa a orientação deste trabalho e a possibilidade de integração no projeto PSFB, como também à professora Ana Brito por fazer despertar em mim o interesse pela área da sintaxe. Igualmente importante foi o contributo da professora Conceição Paiva por toda a disponibilidade e ajuda prestada.

Agradeço aos meus irmãos e aos meus avós paternos com quem sempre pude contar para o que precisasse.

Agradeço o apoio de todos os meus amigos que foi muito importante, fazendo uma referência especial à minha grande amiga Silvana Costa pela sua preciosa opinião e ajuda fundamental no que toca a diversas questões inerentes a esta tese. À minha amiga Isabel Costa, com quem trabalhei no projeto PSFB por toda a disponibilidade e esclarecimentos facultados. À Joana Freitas, minha querida amiga, que não deixou de disponibilizar a sua atenção para este trabalho mesmo em tempo muito limitado.

## Relativas cortadoras no português europeu falado: interação com as variáveis sociais

### RESUMO

A partir da hipótese de Kenedy (2007) da antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas preposicionadas, surge o interesse em aprofundar e testar o tema na variante do português europeu, por serem escassos os trabalhos dedicados à temática. De acordo com o autor, esta estrutura não faz parte da gramática natural do indivíduo por ser adquirida em meios externos. Nesse sentido, é com este trabalho que procuramos verificar se, no caso de orações relativas preposicionadas, ocorre manifestação da preposição ou não. À não manifestação dessa preposição dizemos que ocorre uma estratégia de relativização chamada *cortadora*.

Dada a complexidade do tema, foram criados objetivos específicos para viabilizar a análise estatística, sendo eles: (i) estudar a ocorrência ou não de *pied-piping* em função das variáveis idade e escolaridade dos falantes; (ii) verificar com que preposições é que se observa um maior uso da estrutura *pied-piping*; (iii) analisar e quantificar as ocorrências de *pied-piping* mediante a função, de complemento ou de adjunto, do sintagma-Q que acompanha a estrutura.

Para a concretização deste trabalho procedeu-se à organização de um *corpus* de fala espontânea, onde foram contabilizadas todas as orações relativas preposicionadas. Foi esta seleção que serviu de base à análise estatística que contemplou a influência de duas variáveis sociais, a faixa etária e a escolaridade.

De uma forma geral, é possível adiantar, que se verificou um efeito do fator escolaridade na ocorrência da estrutura *pied-piping*, apontando a estratégia cortadora como a estrutura sintática mais natural.

Palavras-chave: orações relativas; *pied-piping*; *estratégia cortadora*; português europeu.

## **PP-chopping strategy in spoken European Portuguese: interaction with social variables**

### **ABSTRACT**

Based upon Kenedy's (2007) hypothesis of the untinaturalness of pied -piping in prepositional relative clauses the interest in developing and testing the variant theme in European Portuguese arises, as there are few studies devoted to the topic. According to the author this structure is not part of the core-grammar of the individual due to being received from external media. Therefore, the objective of this endeavor is to verify whether in the case of prepositional relative clauses the manifestation of the preposition occurs or not. In the absence of the manifestation of this preposition it can be concluded that a strategy of relativization known as PP-chopping occurs.

Given the complexity of the issue specific objectives were designed to enable statistical analysis, namely: (i) to study the occurrence of *pied-piping* in relation to the age and education level of the speakers, (ii) verify with which prepositions the occurrence of *pied-piping* occurs more in the speaker's dialogue, (iii) analyse and quantify the occurrence of *pied-piping* accounting for the function, of complement or adjunct, of the CP that accompanies the structure.

To elaborate this project it was necessary to organize a corpus of spontaneous speech, where all cases of prepositional phrase use were counted and documented. This selection was the basis of the statistical analysis that examined the influence of two separate social variables: age and education.

In general there was an effect of schooling factor in the occurrence of *pied-piping* structure, pointing the PP-chopping strategy as the natural syntactic structure.

Key words: prepositional clauses; *pied-piping*; PP-chopping strategy; european portuguese.



## Índice

1. Introdução .....	1
---------------------	---

### PARTE I

#### REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2. Enquadramento teórico .....	4
2.1. Pressupostos teóricos da Teoria dos Princípios e Parâmetros .....	4
2.1.1. Programa Minimalista.....	6
2.1.2. Sociolinguística Variacionista .....	7
2.1.2.1. Variáveis linguísticas.....	8
2.1.2.2. Variáveis não linguísticas.....	9
3. Orações relativas oblíquas em Português .....	11
3.1. Propriedades e estrutura das relativas.....	11
3.1.1. Restritivas e Apositivas .....	15
3.2. O estatuto de ‘que’ .....	16
3.3. Estratégias de relativização.....	17
3.4. Estudos sobre a variação nas relativas oblíquas em português .....	18
4. Teoria da antinaturalidade de <i>pied-piping</i> por Kenedy (2007).....	24
5. Estudos sobre aquisição de relativas preposicionadas .....	28

### PARTE II

#### TRABALHO DESENVOLVIDO

6. Metodologia.....	33
6.1. Sujeitos .....	33
6.2. Materiais.....	34
6.3. Procedimentos .....	34
7. Análise e Discussão dos Resultados.....	35
8. Conclusões.....	46

## Lista de Siglas e Abreviaturas

- APP — Hipótese da antinaturalidade de pied-piping em orações relativas
- Estrutura-D — Estrutura profunda
- FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia
- FI — Interpretação Plena
- FL — Faculdade da Linguagem
- LF — Forma lógica, Logic form
- P&P — Teoria dos Princípios e Parâmetros
- PB — Português do Brasil
- PE — Português Europeu
- PF — Forma Fonética, Phonetic form
- PSFB — Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense
- PM — Programa Minimalista
- Ppp —Prepositional pied-piping
- PSFB — Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense
- Pst — Prepositional stranding
- SN — Sintagma Nominal
- SPREP — Sintagma preposicional

## Índice de Tabelas

Tabela 1 — Pronomes relativos	14
Tabela 2 — Frequência do uso de 3 estratégias de relativização ao longo de períodos tempo	19
Tabela 3 — Retenção pronominal de acordo com a função sintática e o tempo	20
Tabela 4 — Ocorrência de estratégias relativas no REDIP	21
Tabela 5 — Resultado percentual de ocorrências de tipos de relativas na oralidade do REDIP	21
Tabela 6 — Omissão de preposição na estratégia cortadora	22
Tabela 7 — Nomenclatura atribuída às entrevistas analisadas	34
Tabela 8 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora em cada Prep.	35
Tabela 9 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora com adjuntos	37
Tabela 10 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora com complementos	38
Tabela 11 — Análise cruzada de preposições com a função de SQ	39
Tabela 12 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora nos diferentes níveis de escolaridade	40
Tabela 13 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora nas diferentes faixas etárias	41
Tabela 14 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 1 em combinação com os níveis de escolaridade	42
Tabela 15 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 2 em combinação com os níveis de escolaridade	43
Tabela 16 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 3 em combinação com os níveis de escolaridade	43
Tabela 17 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 4 em combinação com os níveis de escolaridade	44

## 1. Introdução

A tese apresentada é motivada pela participação no projeto *Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense* (PSFB)<sup>1</sup>, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no qual participei enquanto bolsista, assumindo as funções de entrevistadora e posteriormente de transcritora das amostras de fala espontânea. A constituição deste *corpus* oral era o principal objetivo do projeto em causa, já que se pretendia construir e disponibilizar uma base de dados que servisse para futuras investigações no âmbito da linguística.

O PSFB pretende estabelecer um perfil estratificado do discurso oral da cidade de Braga, controlando três variáveis sociais: a idade, o género e a escolaridade. Para além da constituição da base de dados formatada de acordo com as três variáveis, o projeto promove também a descrição e discussão dos dados obtidos segundo os diversos níveis de análise linguística: fonológica, morfológica, lexical, pragmática, semântica, discursiva, conversacional e sintática. É, justamente, nesta última área da linguística — a sintaxe — que se enquadra o presente trabalho, sem, contudo, ignorar a importância e respetivo impacto das variáveis sociais. Esta escolha, já feita no papel de aluna do Mestrado em Ciências da Linguagem, permitiria rentabilizar o novo *corpus*, assim como contribuir para o desenvolvimento científico desta disciplina.

Naturalmente, procedeu-se à seleção de uma problemática concreta que, até à data, não tinha sido alvo de um estudo aprofundado na variedade do português europeu (PE) — o uso de orações relativas preposicionadas com ou sem manifestação fonética da preposição (Prep). Fundamental para a sustentação desta escolha foi o trabalho de Kenedy (2007), que propõe a hipótese da antinaturalidade de *pied-piping* em orações relativas (APP). O autor afirma que a ocorrência de *pied-piping* da preposição decorre do contacto com o contexto escolar e com a escrita. Por *pied-piping* entende-se o arrastamento de todo o sintagma preposicional (SP) no movimento de um pronome relativo. Para clarificar, vejamos o exemplo 1 e 2 de *pied-piping* nestas orações:

(1) The person [to who]<sub>i</sub> I talked [~~to who~~]<sub>i</sub>

(2) A pessoa [com quem]<sub>i</sub> eu falei [~~com quem~~]<sub>i</sub>

---

<sup>1</sup> Para efeitos informativos, está disponível *on-line* o *site* do projeto “Perfil Sociolinguístico da Fala Bracarense” em <<https://sites.google.com/site/projectofalabracarense/>>.

Tal como é possível observar existe o movimento do SP da posição base para o início da oração relativa, enquanto outras estratégias de relativização parecem ocorrer de forma natural por oposição à estrutura com *pied-piping*, nomeadamente a estratégia cortadora (ver exemplo 3), que ocorre com frequência no PE:

(3) A amiga [que]<sub>i</sub>; eu gosto [~~de que~~]<sub>i</sub>;

Também no inglês podemos observar construções *prepositional-stranding* (Pst) em que apenas ocorre movimento do pronome (ou OP) e a preposição que o rege é deixada (abandonada) na sua posição base. É uma construção agramatical no PE, mas muito produtiva no inglês:

(4) a. The person [who]<sub>i</sub>; I talked to [~~who~~]<sub>i</sub>; last week.

b.\*A pessoa [que]<sub>i</sub>; eu falei com [~~que~~]<sub>i</sub>; semana passada.

Apesar de o autor estabelecer um comparativo entre as duas variedades do português (PB e PE), tal é feito, apenas, com recurso a testes psicolinguísticos usando juízos de gramaticalidade e leitura automonitorizada. Procurando enriquecer a perspetiva de investigação de Kenedy (2007), alargou-se a metodologia aplicada ao estudo do *corpus* acima referido, que contempla amostras de fala real espontânea do PE. É com base nesta fundamentação teórico-prática que se esboça o objetivo geral desta tese, mais concretamente, determinar o impacto do fator escolaridade e idade na produção de relativas oblíquas com *pied-piping*.

A partir desta objetivo definiram-se três objetivos específicos: (i) estudar a ocorrência ou não de *pied-piping* em função das variáveis idade e escolaridade dos falantes; (ii) verificar com que preposições é que se observa um maior uso de cortadoras; (iii) analisar e quantificar as ocorrências de *pied-piping* mediante a função sintática (de complemento ou de adjunto) do sintagma-Q que acompanha a estrutura.

Importa referir que, apesar de a obra de Kenedy (2007) estar em destaque na sustentação teórica desta tese, também se recorre a trabalhos semelhantes realizados para outras línguas, que são referidos, na secção do Enquadramento Teórico, sempre que oportuno.

Uma vez que os objetivos descritos assumem parâmetros de análise qualitativa e quantitativa, grande parte do trabalho empreendido foi dedicado à organização e seleção do *corpus*, mediante os detalhes descritos na secção Metodologia, e posterior tratamento

estatístico, retratado na secção de Análise de Dados. Por isto, o trabalho assume um carácter mais prático e analítico do que teórico. Esta afirmação não pretende desvalorizar a importância dos princípios teóricos da investigação científica, mas sim, enfatizar o contributo do presente trabalho para a área em causa. É possível valorizar o PSFB como um meio de obtenção de importantes dados linguísticos na medida em que facilita o acesso a um *corpus* já definido, pronto a ser usado e potencializado por qualquer investigador que, de forma individual, poderia não ser capaz de constituir tal fonte de informação. Projetos como o PSFB e seus semelhantes são importantes facilitadores de investigações sobre fenómenos em variação, já que aumentam a possibilidade de conjugar a análise quantitativa com a análise qualitativa.

Da mesma maneira, destaca-se o contributo científico obtido da análise específica presente, na medida em que permite a observação de determinadas estruturas linguísticas na mente do indivíduo e, por isso, frequentemente manifestadas foneticamente, por oposição ao que é estipulado como norma a seguir por fatores externos, como a escolarização. Todavia as hipóteses de investigação deste tema não se limitam aos contornos aqui assumidos, ficando, desde já, em aberto a possibilidade de novos desenvolvimentos como: (i) explorar o impacto de outras variáveis sociolinguísticas neste tipo de orações, como a oposição entre géneros; (ii) verificar o uso de outras Prep em relativas com *pied-piping*, alargando para isso o *corpus* selecionado; (iii) e, de uma forma mais geral, comparar o mesmo fenómeno sintático com outras línguas.

A tese encontra-se organizada em duas Partes. A Parte I — Revisão Bibliográfica — estabelece os princípios teóricos subjacentes ao estudo aqui levado a cabo. A Parte II, por sua vez, apresenta a metodologia seguida e a análise e discussão dos resultados obtidos.

## PARTE I — REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### **2. Enquadramento teórico**

Para a análise da sintaxe das orações relativas, a base teórica assumida será a do modelo da Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P) na versão do Programa Minimalista de Chomsky (1995) onde se analisa a forma como as características de uma língua se refletem na faculdade da linguagem humana . Quanto ao estudo da variação adotar-se-á os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1984).

#### **2.1. Pressupostos teóricos da Teoria dos Princípios e Parâmetros**

Entendemos por Faculdade da Linguagem (FL) a parte da mente que está reservada aos aspetos dedicados à linguagem, que passa por várias fases, e que consideramos ser uniforme para a espécie humana. Organiza-se de forma complexa e rica, sendo que um dos seus sistemas é uma componente cognitiva onde estão armazenados conhecimentos sobre sons, significados e organização estrutural (Chomsky, 1999: 16). Uma parte deste desenvolvimento da FL é determinado pelo exterior como, por exemplo, a experiência individual, o estatuto social e profissional, a faixa etária, o ambiente linguístico, etc. A outra parte é determinada por princípios internos e uniformes para toda a espécie humana (Chomsky, 1999: 18).

Ao passar pelas diferentes fases, atinge um estado final relativamente fixo, que não está sujeito a modificações posteriores para além de perdas e ganhos de itens lexicais. A estas diferentes fases de desenvolvimento dá-se o nome de língua-interna (língua-I), que, portanto, incorpora a gramática que uma determinada pessoa domina, que lhe permite compreender, produzir e perceber um número infinito de expressões usadas com as mais diversas finalidades (Chomsky, 1999: 17). A língua-I tem duas componentes: um léxico e um sistema de princípios (regras, operações), a que chamamos Sistema Computacional da Linguagem Humana, que atuam sobre os itens lexicais e as suas expressões complexas. Por sua vez, estas expressões são articuladas em diferentes níveis de representação linguística a que chamamos Descrições Estruturais (DEs) (Chomsky, 1999: 18) e que captam diferentes propriedades das expressões. Convém não confundir a

língua-I com a língua-E que consiste na noção externa do conjunto de representações linguísticas geradas pelas DEs, e que é constituída pelas frases gramaticais de uma língua (idioma) enquanto objeto sociológico externo.

Quanto aos níveis de representação linguística, segundo o modelo da Teoria dos P&P dos anos oitenta (Chomsky, 1991), o primeiro nível, a Estrutura Profunda ou Estrutura-D (*Deep Structure*) consiste numa representação sintática pura das propriedades lexicais dos itens que formam E. A forma fonética (FF) é gerada pela componente fonológica e recolhe as propriedades fonéticas de E juntamente com a sua estrutura silábica e prosódica. A forma lógica (LF – *logic form*) recolhe as propriedades semânticas de E com base nas diferentes propriedades dos itens lexicais que a compõem, como a estrutura argumental, função temática, etc. Estes dois últimos níveis de representação servem de interface com os sistemas neuro-sensoriais e musculares da articulação e perceção, fornecendo a informação necessária para que estes sistemas operem (FF), e também com sistemas do pensamento que interpretam a linguagem (FL) (Chomsky, 1999: 20). Para terminar, a Estrutura-S é um nível de representação que se encontra entre a Estrutura-D e a FL, que corresponde ao momento em que a derivação é enviada para a componente fonológica que leva à FF, a qual não tem contacto com a parte restante da derivação até à FL. De acordo com a Teoria P&P, a Estrutura-S constitui um nível de representação independente por ser o ponto da derivação em que se dá a bifurcação entre a FF e a FL. Nela estão representadas as operações que se refletem foneticamente e, assim, estamos perante uma sintaxe visível. Entre a Estrutura-S e a FL as operações também são como as da sintaxe visível, só que não têm reflexo fonético (Chomsky, 1999: 20).

Segundo o modelo dos P&P, a variação ambiental tem limites muito reduzidos e propõe-se a noção de parâmetro para capturar a variação interlinguística (Chomsky, 1999: 21). Assim, existem dois tipos de princípios, os rígidos e os abertos. Estes últimos só são ativados no decurso do desenvolvimento de FL e a adoção de certos parâmetros é definida pelos dados linguísticos a que a criança está exposta. Esses parâmetros são simples, acessíveis e ligam-se através dos dados linguísticos aquando da aquisição de uma língua-I (Chomsky, 1999: 22).



### 2.1.1. Programa Minimalista

O Programa Minimalista (PM) assenta no modelo dos P&P, do qual parte para propor novas questões. Com isto, o objetivo é remover do modelo o que não é estritamente necessário, questionando as bases empíricas das propriedades conceptuais da linguagem humana que a caracterizam como tal. Na vertente metodológica deste programa, pretende-se simplificar análises e eliminar estipulações descritivas (Chomsky, 1999: 24).

A FL tem um papel importante na mente humana, tratando-se de um sistema biológico que é adaptado à tarefa de se usar expressões para falar sobre o mundo, descrever, perguntar, comunicar e todo o resto possível através da linguagem (Chomsky, 1999: 24). O PM concebe a FL como um subsistema influenciado pelos seus sistemas de performance (sistemas externos em contacto com a FL), os quais deve servir. Assim, é interpretada como uma componente encaixada em dois sistemas de performance superiores: os sensório-motores e os sistemas de pensamento. Os primeiros consistem nas informações que conduzem à produção e percepção dos símbolos físicos que veiculam informação linguística; os segundos relacionam-se com a manipulação dos significados transportados pelas expressões linguísticas. No lado da produção temos o sistema vocálico-articulatório e no lado da receção o sistema de perceção neuro-auditivo (Chomsky, 1999: 24). Com isto, a FL tem o seu trabalho orientado para as interfaces, pelo que deverá ser moldada pelas propriedades que constituem os sistemas superiores, operando sob a condição de gerar objetos linguísticos aos quais os sistemas de performance possam ter acesso (Chomsky, 1999 citado em Kenedy (2007)). Estes sistemas impõem condições de legibilidade que as expressões geradas terão de satisfazer. O cerne desta investigação é precisamente submeter a um intenso escrutínio as propriedades que a FL não deveria possuir se o que foi acima referido é verdadeiro. Ora, nesta perspetiva, a Estrutura-D e a Estrutura-S, uma vez que não são interfaces com os sistemas de performance, não possuem justificação, sendo assim eliminadas enquanto níveis de representação independentes dos níveis de interface, FF e FL (Chomsky, 1999: 26). Para melhor satisfazer os sistemas de performance é necessário que as condições de legibilidade sejam cumpridas, ainda que estas não sejam absolutamente necessárias para a interpretação, uma vez que a condição de legibilidade pode fracassar sem que se perca a interpretação e o contrário também pode acontecer.

O PM atribui um papel determinante ao princípio da economia. Este determina que, dadas duas derivações alternativas, ambas convergentes, isto é, ambas satisfazendo as

condições de legibilidade impostas pelos sistemas de interface, a que vinga é a derivação que contiver um menor número de operações. Apenas as derivações convergentes podem ser submetidas a esta condição, ainda que a sua violação seja possível para satisfazer as condições de interface.

O essencial do PM reside principalmente no facto de definir apenas dois níveis de representação (interfaces FF e FL), que por sua vez têm que obedecer a condições de legibilidade impostas pelos sistemas de performance; as derivações que satisfazem esta condição convergem, se não, fracassam. Estas derivações terão ainda que obedecer ao princípio da economia (Chomsky, 1999: 35).

Dado que, nesta dissertação, nos interessa estudar um fenómeno sintático variável, importa agora refletir sobre a natureza da variação linguística e dos fatores que a condicionam. Como é evidente, não é possível estudar a variação linguística apenas sob o ponto de vista da língua-I, sendo por isso necessário recorrer a uma amostra representativa do uso da língua por um número razoável de falantes, o que, por sua vez, implica que seja necessário controlar variáveis não linguísticas, isto é, variáveis sociais. Daí o recurso ao modelo da sociolinguística variacionista (Labov, 1984 e Mollica, 2003), que passamos a descrever.

### **2.1.2. Sociolinguística Variacionista**

A Teoria da Variação e da Mudança Sociolinguística estuda a variação e mudança de uma língua, assumindo a heterogeneidade sistemática de que uma língua é dotada (Coan e Freitag, 2010). William Labov, um dos pioneiros da Teoria, entende o estudo empírico das comunidades de fala como principal objeto de interesse da linguística. O autor propõe o estudo da evolução da língua no contexto social da comunidade, como forma de compreender a mudança linguística, sendo relevante estabelecer uma relação entre o estatuto social em que o falante está inserido e os padrões linguísticos variáveis (Coan e Freitag, 2010). Esta teoria rompe com a dicotomia sincronia/diacronia referida por Saussure, conjugando-as e permitindo o estudo da mudança através de observações do efeito do passado no presente e, assim, partir do tempo real para projetar o futuro (tempo aparente).

É possível destacar algumas condições que envolvem a variação na língua tais como: as relações simétricas ou assimétricas entre o falante e o interlocutor, contexto

social e tópico discursivo. Para Labov, todos os falantes exibem diversidade a nível fonológico e sintático, não havendo um estilo pessoal ou único. As crianças e as pessoas mais velhas carecem de alguma variedade linguística na medida em que têm uma participação social menos ativa quando comparadas a jovens e pessoas no mercado de trabalho (Coan e Freitag, 2010).

O autor estabelece dois alvos principais da Teoria da Variação, que podem ser vistos como opostos (Labov, 1984): por um lado, é necessário obter maior quantidade de gravações de fala com alta qualidade para a análise de vogais ou o julgamento preciso de realizações de partículas gramaticais que, quando articuladas rapidamente, são frequentemente reduzidas a características mínimas de som; por outro lado, dá-se extrema importância a gravações da fala vernácula, que é pouco sensível à presença de um observador de fora e fornece dados mais sistemáticos para análise linguística. Tal como já foi mencionado, a variabilidade é influenciada por fatores linguísticos e não linguísticos que passamos a discutir na secção abaixo.

#### **2.1.2.1. Variáveis linguísticas**

Como referido previamente, todas as línguas apresentam uma heterogeneidade que é resultado de um dinamismo que lhes está inerente. Existem diferentes formas que se equivalem semanticamente a nível do vocabulário, da sintaxe, morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e do domínio pragmático-discursivo (Mollica, 2003). A variabilidade linguística é algo que está sempre presente em qualquer língua e da qual a sociolinguística se ocupa.

De acordo com Mollica (2003), a variação é geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. As diferentes formas de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais, também chamados de *variáveis independentes*, uma vez que esse uso é motivado e as alternâncias seguem um padrão, sendo, por isso, estatisticamente previsíveis. Às formas linguísticas alternativas chamamos *variantes* que configuram o fenómeno variável *variável dependente* que está presente, por exemplo, na concordância entre verbo e sujeito (Suj) (existe marca de concordância ou ausência dessa marca) (Mollica, 2003). A variável dependente é concebida desta forma tendo em conta que o emprego das variantes não é aleatório, mas, pelo contrário, influenciado pelas variáveis independentes (ou grupo de fatores) que podem ser de natureza externa ou interna à língua

e que exercem pressão sobre os usos (Mollica, 2003). As variáveis independentes ou grupos de fatores integram os parâmetros que regulam os fenómenos variáveis, influenciando positiva ou negativamente o emprego das formas variantes. Estas variantes podem permanecer na língua durante muito ou pouco tempo, podendo ser substituídas por novas formas.

No que diz respeito às variáveis internas, encontram-se os fatores fonomorfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais, que dizem respeito a várias dimensões da língua e dos seus subsistemas (Mollica, 2003). Relativamente às variáveis externas, estas constituem os fatores inerentes ao indivíduo (etnia e género), ao enquadramento social (escolarização, classe social) e ao contexto da situação discursiva (grau de formalidade e tensão discursiva (Mollica, 2003).

As línguas apresentam uma dualidade fixa e heterogénea na medida em que exibem inovações mantendo-se coesas. Isto é, por um lado, sofrem o impulso à variação e mudança e, do outro, o impulso à convergência caracterizada por padrões estruturais e estilísticos (Mollica, 2003). Num estudo sociolinguístico nunca é possível demarcar nitidamente as fronteiras em que ocorre a variação de uma língua, já que estão incorporadas questões como a escolha do estilo que se impõe ao falante, para que se acomode ao seu interlocutor, o apoio contextual na produção dos enunciados, o grau de complexidade cognitiva e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa (Mollica, 2003). Por isto, devemos referir às formas em mudança como tendências que são motivadas por diversas circunstâncias. As variáveis linguísticas e não linguísticas não agem de forma isolada, mas operam num conjunto complexo de correlações que podem inibir ou favorecer o emprego de determinadas formas que são equivalentes semanticamente (Mollica, 2003). O emprego da variedade norma-padrão na fala e na escrita é favorecido por fatores como a alta escolarização, contacto com a escrita, classe socioeconómica alta.

#### **2.1.2.2. Variáveis não linguísticas**

Já nos referimos às noções de variável dependente e independente. Relativamente às variáveis independentes não linguísticas, importa mostrar de que forma condicionam um estudo e qual o seu peso nos resultados. Vamos dar mais ênfase às variáveis escolaridade e idade já que o presente estudo apenas leva em conta estas duas na análise empírica.

A verdade é que as variáveis não linguísticas operam num conjunto de correlações que podem influenciar positiva ou negativamente o emprego de determinadas formas (Mollica 2003). Por exemplo, a alta escolarização e o nível socioeconómico elevado são agentes que contribuem para o aumento de uma variedade prestigiada, mais “cultura”. Uma vez que a escola impõe padrões de fala distinguindo o correto do não correto, é natural que falantes com escolaridade mais elevada evitem o uso de certas formas que estão estigmatizadas pelo sistema de ensino, mas nem sempre essa diferença se poderá verificar, já que existe sempre uma dinâmica linguística por de trás que não permite uma visão tão estreita sobre este assunto.

Relativamente à variável género/sexo, as evidências parecem estar mais a nível lexical, no sentido em há palavras que socialmente se adequam melhor ao homem ou à mulher (Paiva 2003). Esta diferença é mais acentuada quando confrontamos a dualidade norma-padrão e não padrão que está também intimamente ligada com os papéis dos géneros masculino e feminino numa sociedade. Estudos de Fischer (1958) (citado em Paiva 2003) indicam que há de facto uma preferência por parte das mulheres, pelo uso de uma variável socialmente mais prestigiada. Outros estudos também afirmam existir uma maior consciência linguística por parte do género feminino numa sociedade ocidental, com uma determinada organização sócio-cultural. Contudo, se compararmos com outras sociedades em que o papel que uma comunidade atribui à mulher é o de mãe, dona de casa e o do homem o de trabalhador e o de fornecer sustento, com certeza a situação não será a mesma.

Ainda, no que toca a diferenças de cariz biológico, certos estudos de conversações indicam que a nível interacional existe um maior esforço por parte da mulher em ser solidária com o seu interlocutor, enquanto os homens manifestam um estilo mais independente. Como já referimos, não convém encarar esta variável isoladamente, sob pena de camuflar outros aspetos complexos essenciais num estudo interacional, sendo que podemos obter diversos resultados na correlação com outras variáveis.

Com base neste enquadramento teórico do estudo, passamos à análise da sintaxe das orações relativas, para posteriormente apresentarmos os problemas suscitados referentes à sua estrutura quando envolvem preposições.

### 3. Orações relativas oblíquas em Português

#### 3.1. Propriedades e estrutura das relativas

A subordinação adjetiva ou relativa envolve, no seu processo, a formação de frases complexas em que a oração encaixada funciona como modificador adnominal. As orações relativas são um tipo de subordinação, iniciada pelos designados *pronomes e advérbios relativos*, e, geralmente, modificam uma expressão nominal antecedente, mas também podem modificar uma oração.

No que toca às propriedades gerais das orações relativas, podemos começar por dizer que são introduzidas por um constituinte que contém obrigatoriamente um elemento pronominal que irá assegurar a relação de subordinação e que retoma, dentro da oração relativa, o grupo nominal (Velo, 2013: 2063). Tanto no português, como nas restantes línguas românicas, entre o antecedente e a oração relativa não pode ocorrer outro material lexical, e, por isso, a oração relativa ocorrer sempre adjacente ao seu antecedente (Duarte, 2000: 168). As construções que contêm orações relativas estabelecem um nexo anafórico entre uma expressão nominal e o constituinte relativo que, por sua vez, está semântica e sintaticamente associado a uma categoria vazia que lhe corresponde dentro da frase relativa em que ocorre. Através de uma regra de movimento obrigatória, os pronomes relativos deslocam-se da sua posição base, correspondente à sua função sintática, para uma posição inicial da frase junto do seu antecedente (Peres e Mória, 1995: 275). Chamamos a este processo *Relativização* (Velo, 2013: 2064). Para melhor compreender esta ideia vejamos o exemplo 5:

(5) [<sub>SN</sub> A professora [a quem ofereci um livro [-]]] está reformada.

Neste caso, o pronome relativo *quem* está contido num Sintagma Preposicional (SP) encabeçado pela preposição (Prep) *a*, e é um complemento do verbo *oferecer*. Assumindo que existe o movimento do pronome relativo, conseguimos verificar, no exemplo, a sua deslocação da posição de base, correspondente à função sintática de complemento preposicionado (oblíquo), para uma posição à cabeça da frase, deixando um vestígio. Observe-se na árvore (Figura 1), a estrutura simplificada deste processo relativamente à frase do exemplo 6:

(6) A rapariga a quem eu dei um livro fugiu.

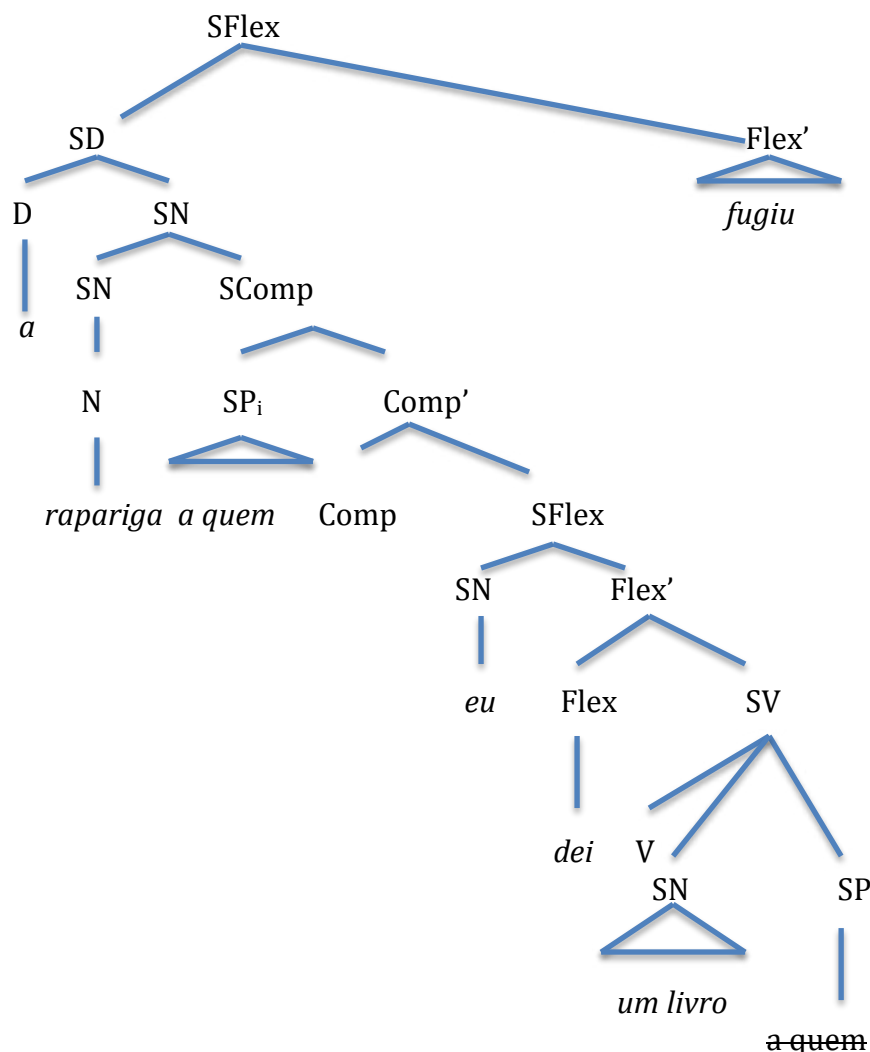


Figura 1 — Diagrama em árvore da frase *A rapariga a quem eu dei um livro fugiu.*

Através desta estrutura observa-se o movimento do sintagma relativo para a posição de especificador de Sintagma Complementador (SCOMP), deixando uma cópia que é depois apagada na FF.

O que caracteriza as orações relativas é o facto de, em todas, ocorrer um pronome relativo ou expressão contendo um pronome relativo que, por se tratar de uma palavra-Q, é atraído para a posição inicial da frase subordinada (Duarte, 2000: 167). Essa palavra ou expressão-Q desempenha uma função sintática no interior da oração relativa, estando associada às posições de sujeito, objecto direto, indireto, à posição de complemento preposicionado ou adjunto do nome ou do verbo. O antecedente pode desempenhar

qualquer função gramatical na oração principal, assim como o pronome relativo na oração relativa (Veloso, 2013: 2065). No caso do exemplo 5, o pronome relativo está inserido num SP com função de complemento indireto. O constituinte relativo deste tipo de orações também pode ser comutável por *o/a qual* (cf. *A professora à qual ofereci um livro está reformada*).

Sempre que o pronome desempenha a função de sujeito ou de complemento direto da oração, é o único elemento do constituinte relativo (Veloso 2013: 2071). Portanto, o pronome e o constituinte relativo não se distinguem:

- (7) a. Vi [o homem [que [ ~~que~~ roubou a tua carteira]]]. (sujeito)
- b. [O livro [que<sub>i</sub> [ li ~~que~~ nas férias]]] ganhou um prémio. (complemento direto)

No caso de desempenhar outras funções gramaticais, o pronome relativo faz parte integrante de um constituinte relativo complexo, mais tipicamente um SP, que pode ser um objeto indireto, como no exemplo 3; um complemento oblíquo (cf. (8a)); ou um adjunto adverbial (cf. (8b)).

- (8) a. O local *em que fiquei* era perto de Faro. (complemento oblíquo)
  - b. A razão *por que fiquei em casa* nada tem que ver contigo. (adjunto adverbial)
- [Brito 2003: 663]

Através destes exemplos vemos que a função gramatical do pronome relativo é diferente da que o constituinte relativo assume, que desempenha uma função na oração relativa.

Para além destes casos existem outros em que o constituinte relativo pode constituir um grupo ainda mais complexo. É o que sucede em frases com os pronomes *cujos/a* e *o/a qual*. As formas *como* e *onde* têm o estatuto de advérbios e podem ter a função de adjuntos adverbiais. Em baixo segue a Tabela 1 com os pronomes relativos (Veloso, 2013: 2078).



Tabela 1 — Pronomes relativos.

<b>Pronomes relativos variáveis</b>	<b>Pronomes relativos invariáveis</b>
o qual, a qual, os quais, as quais	Que
cujo, cuja, cujos, cujas	O que
quanto, quantas, quantos, quantas	Quem
	Onde
	Como
	Quanto
	Quando

Nos exemplos de relativas preposicionadas até agora citados, o movimento do pronome relativo para o início da oração arrasta consigo todo o SP, fenómeno que toma a designação de *pied-piping*. Em PE, se não houver movimento da Prep e esta permanecer na sua posição de base, a frase é agramatical (cf. (9b)). Já no caso do inglês (cf. (10)), tal estrutura é perfeitamente aceitável por se tratar de uma língua que admite *preposition stranding*.

- (9) a. O aluno de que me falaste está doente  
 b. \*O aluno que me falaste de está doente.
- (10) The student you told me about is sick.

Na formação de orações relativas oblíquas em PE, a estratégia padrão é a que envolve *pied-piping*, mas há outras estratégias, sem *pied-piping*, que estão muito presentes na fala espontânea e mesmo na escrita. Esta temática será abordada na secção 3.3., reservada às estratégias de relativização.

Até agora vimos exemplos de orações relativas cujo antecedente é um sintagma nominal (SN), mas a verdade é que nem sempre a expressão é necessariamente nominal, podendo ser o antecedente uma expressão frásica como mostra o exemplo 11:

- (11) Quando está mau tempo o trânsito fica um caos, o que provoca muitos acidentes.

A oração sublinhada exprime uma propriedade da oração que precede, portanto toda essa frase constitui o antecedente da oração relativa. Peres e Mória (1995: 271)

designam esta subclasse de orações relativas de **orações relativas de frase**, sendo que a subclasse paralela é a das **orações relativas de nome**.

Ainda outra questão relacionada com estas frases é o facto de poderem ocorrer com antecedente explícito ou antecedente implícito. Nem sempre tem de haver realização lexical do antecedente na formação destas orações (Peres e Mória, 1995: 273):

- (12) a. Quem não arrisca não petisca.  
b. Onde há fumo há fogo.

A particularidade destas orações tem que ver com o facto de não haver um antecedente explícito. Estas estruturas são restritivas por serem o único material que constrói a referência do sintagma nominal (Veloso, 2013: 2068), como se explicará a seguir.

### 3.1.1. Restritivas e Apositivas

As orações relativas podem limitar a referência do seu antecedente, funcionando como modificadores restritivos (Duarte, 2000: 168) do SN que integram. Comparem-se os exemplos 13a e 13b (Veloso, 2013: 2068):

- (13) a. [Os gatos da minha vizinha *que vêm cá a casa*] não gostam de bofe.  
b. [Os gatos da minha vizinha,] [*que vêm cá a casa,*] não gostam de bofe.

Na frase 13a não existe rutura sintática ou melódica, o que mostra que a oração relativa pertence ao mesmo SN que o nome modificado e são modificadores desse nome (Veloso, 2013: 2067). Aqui, exclui-se o determinante *os*, sendo que o antecedente é constituído por *gatos da minha vizinha*. Podemos deduzir que a vizinha tem mais gatos que não vêm cá a casa.

Igualmente, existem orações relativas que não restringem a referência dos respetivos antecedentes. Podem formar um grupo sintático e prosódico autónomo, que se destaca do restante material do SN complexo, cuja independência sintática e prosódica é normalmente representada na escrita pela presença de vírgulas (Veloso, 2013: 2067). Esta independência sintática e prosódica também traz diferenças semânticas. Na frase (13b) não se infere que a vizinha tenha outros gatos que não vão lá a casa, mas, pelo contrário, que todos os gatos vão. Aqui, o determinante e o grupo nominal que antecedem a oração

relativa formam um SN autónomo, com valor referencial, uma vez que a oração relativa não introduz nenhuma propriedade acerca do referente *Os gatos da minha vizinha* (Veloso, 2013: 2068). Neste caso, trata-se de informação adicional, funcionando como uma espécie de parêntesis. Este tipo de relativas denomina-se por **apositiva** ou por **explicativa**.

### 3.2. O estatuto de ‘que’

Retomando os exemplos acima do uso de *que* como sujeito e objeto direto (OD), será importante mencionar alguns problemas que têm vindo a ser discutidos acerca do seu estatuto como pronome relativo, surgindo a tese de que o seu comportamento é semelhante ao de complementadores. Voltemos aos exemplos:

(14) a. Vi o homem *que roubou* a tua carteira.

b. O livro *que li* nas férias ganhou um prémio.

Como podemos constatar a partir dos exemplos, o morfema *que* pode ser usado quer o antecedente seja [+ humano] ou [-humano]; repare-se que, contrariamente, o morfema *quem* não pode ocorrer como sujeito ou objeto direto mesmo que o antecedente seja humano (Brito, 2003: 662):

(14) c. \* Vi o homem *quem* roubou a tua carteira.

d. \* A pessoa *quem* encontrei nas férias ganhou um prémio.

O relativo *que* é com certeza um dos mais versáteis, pois tem a mesma forma do *que* completivo, da partícula de realce e do segundo termo de comparação, tem também outros valores semânticos nomeadamente o de consecutivo em relativas restritivas e o de causal em afirmativas (Brito 2003: 662).

Nas orações em que *que* assume as funções de sujeito e objeto direto, o facto de só este morfema poder ocorrer independentemente da natureza humana ou não humana do seu antecedente, por oposição ao que acontece quando *que* é precedido de preposição, constitui um argumento, para alguns autores, a favor da hipótese de estarmos perante um complementador, ao invés de um pronome relativo. Neste caso, as construções de relativização de sujeito e objeto direto envolvem, na sua relação operador-variável, um movimento de um operador nulo para junto de *que*. (Brito, 1991: 265). Assim, existem duas perspetivas acerca da natureza do morfema *que* em orações relativas: a de pronome

relativo e a de complementador. Na hipótese de ser um pronome relativo em que o pronome é movido, a estrutura é a seguinte:

[ SN [o livro] [ CP [SN que] [ eu li [SN ~~que~~] ] ] ]

No caso de se tratar de um complementador, o que se move é um operador nulo, configurando-se a seguinte estrutura:

[ SN [o livro] [ CP [SN Op] [ C' que [ eu li [SN-Op-] ] ] ] ]

O mesmo acontece quando se trata de orações oblíquas em que o morfema *quem* é substituído por *que*. Mantêm-se as mesmas possibilidades:

I. *que* é igual ao pronome *quem* e *qual* e a estrutura é:

[ SN [o livro] [ CP [SP de [SN que]] [ eu gosto [SP de [SN-que]] ] ] ]

II. *que* é complementador:

[ SN [o livro] [ CP [SP de [SN Op] [C' [C **que**] [eu gosto [SP de [SN-Op]] ] ] ] ] ]

Estas são as duas formas de olhar para a estrutura destas frases, que continuam a ser motivo de discussão entre os autores.

### 3.3. Estratégias de relativização

Até agora referimo-nos à estratégia canónica da formação de relativas no PE, mas, paralelamente às construções padrão das orações relativas, o português apresenta dois tipos de orações consideradas marginais ou não canónicas. Estas construções ocorrem em diferentes grupos sociais, com variados graus de escolarização e sobretudo na oralidade, mas também em textos jornalísticos. As duas estratégias denominam-se de cortadora e resuntiva (ou com pronome de retoma, cf. Veloso, 2013: 2127; ou com duplo preenchimento - Peres e Mória, 1995).

A estratégia cortadora consiste na supressão da Prep que precede o pronome relativo, isto é, a Prep exigida pelos verbos é suprimida e a oração é iniciada apenas pelo pronome relativo.

(15) a. A sobremesa *de que* mais gosto é cheesecake.

b. A sobremesa *que* mais gosto é cheesecake.

Segundo Peres e Mória (1995: 292), é possível que haja uma maior tendência para a supressão da Prep com determinados predicados do que com outros, como por exemplo o verbo *gostar*.

Quanto à estratégia resuntiva, esta caracteriza-se por haver uma retoma do elemento relativizado por uma categoria pronominal ou por uma adverbial no interior da oração relativa (Alexandre, 2000: 59), como se verifica nos exemplos 16:

- (16) a. Eles são *dois jogadores* que eu *os* vejo partir com tristeza.  
b. Sei de *um caminho* que o pai passou por *lá* da outra vez.

Apesar de estas duas estratégias serem mencionadas na literatura enquanto estratégias *não canónicas* (Peres e Mória, 1995; Brito 1991) não foi ainda, tanto quanto sabemos, realizado um estudo quantitativo, sociolinguisticamente controlado, da sua ocorrência na fala espontânea em PE. Procurando colmatar esta falta, a segunda parte desta dissertação empreende um estudo configurado nesse contexto.

Como se irá observar, a estratégia cortadora é produzida frequentemente e de forma espontânea pelos falantes nativos do PE, independentemente da escolaridade, ainda que esta tenha influência.

### **3.4. Estudos sobre a variação nas relativas oblíquas em português**

Kato (1993) faz referência a Fernando Tarallo e ao seu estudo de 1983 sobre as estratégias relativas no português do Brasil (PB) numa perspectiva variacionista, no qual o autor afirma que a estratégia cortadora é uma inovação. Esta estratégia começa a aparecer na segunda metade do século XIX, para as posições de objeto indireto e outros constituintes preposicionados (Kato, 1993). O autor identifica três tipos de estratégias de relativização, ilustradas nos seguintes exemplos:

- (17) a. A rapariga *com quem* falei ontem está aqui.  
b. A rapariga *que* eu falei *com ela* ontem está aqui.  
c. A rapariga *que* eu falei ontem está aqui.

O exemplo 17a contém uma oração relativa padrão, 17b inclui uma oração relativa resuntiva e 17c, uma oração relativa cortadora. Tarallo não atribui o mesmo estatuto ao morfema *Qu* das frases de 17, sendo que, na frase 17a, é o pronome relativo *quem* que liga a variável; no caso de 17b e 17c estamos perante um *que* complementador, parecido com o

das subordinadas integrantes, com a posição relativizada ligada a um pronome lexical ou nulo. Para o autor, a estratégia resuntiva varia apenas ao nível da quantidade e produtividade, enquanto a estratégia cortadora, e confirmando a hipótese de Kato (1981) (citado em Kato, 1993), estaria ligada ao uso que o falante faz de elipses em contexto anafórico. Assim, o autor acredita que esta estratégia faz parte de um fenómeno que surge de um processo de elipse operado na estrutura resuntiva, ao invés de uma substituição por uma pro-forma. Por outras palavras, considera a relativa cortadora como o resultado de uma elipse na relativa resuntiva, apoiada no facto de ser possível haver objeto nulo no PB.

(18) a. Pedro comprou uma laranja e a Joana comeu (ela).

b. A laranja que Joana comeu (ela)...

Observe-se a Tabela 2 que o autor apresenta, na qual se observa o aumento da presença da variante cortadora ao longo do tempo e o decréscimo simultâneo da relativa padrão:

Tabela 2 — Frequência do uso de três estratégias de relativização ao longo de períodos tempo\*.

	I	II	III	IV
PDP	99(89.2%)	89(88.1%)	73(91.3%)	63(35.4%)
RP	11( 9.9%)	8( 7.9%)	1( 1.3%)	9( 5.1%)
PP	1( 0.9%)	4( 4.0%)	6( 7.5%)	106(59.5%)

Key: PDP = piedpiping, RP = resumptive pronoun PP = PP-chopping

\* I = *circa* 1725 II = *circa* 1770 III = *circa* 1825 IV = *circa* 1880 (Tarallo, 1985, adaptado de Kato, 1993, p. 224).

No seu estudo diacrónico, o autor explica que na origem das relativas cortadoras está o apagamento pronominal, desde as posições sintáticas mais altas (Suj, OD) até às mais baixas, como complementos e adjuntos preposicionados, que são as que mais favorecem a estratégia (Corrêa, 1998: 36). Baseado nesta ideia, Tarallo (citado em Kato, 1993) ao analisar o fenómeno da mudança como perda de retenção pronominal, apresenta a Tabela 3 com o resultado de categorias vazias nas diversas funções sintáticas:

Tabela 3 — Retenção pronominal de acordo com a função sintática e o tempo\*.

	I	II	III	IV
S	28/120 (23.3%)	41/154 (26.6%)	25/152 (16.4%)	57/174 (32.7%)
DO	83/93 (89.2%)	51/53 (96.2%)	36/43 (83.7%)	59/98 (60.2%)
IDO	49/49 (100.0%)	41/41 (100.0%)	48/49 (97.9%)	49/62 (79.0%)
OB	18/20 (90.0%)	25/25 (100.0%)	4/4 (100.0%)	24/43 (55.8%)
G	17/18 (94.4%)	27/28 (96.4%)	43/51 (84.3%)	35/43 (81.4%)

- Chave: S = sujeito, DO = objeto direto, IDO = objeto indireto, OB = oblíquo, G = genitivo (Tarallo, 1985, adaptado de Kato, 1993, p. 224).

Exceto em alguns casos, a elipse pronominal é seguida da elipse da Prep. O quadro mostra que, da fase III para a IV, decresce a retenção do pronome nos complementos verbais, enquanto o genitivo permanece no mesmo lugar.

Kato (1993) tenta recuperar a ideia de Tarallo, de que a oração relativa cortadora consiste num processo de elipse nos casos de Sintagma Preposicional (SPREP), mas propõe que a elipse deriva de uma lacuna única no lugar de SPREP, contrariamente ao que o autor assume. Recorde-se que, para Tarallo, a cortadora é derivada a partir da relativa resuntiva com pronome nulo seguido de elipse da Prep. A autora propõe uma análise atribuindo o estatuto tradicional de pronome relativo ao item *que* e associando a ocorrência destas estratégias a uma estrutura tópico-comentário (como no exemplo: *A Joana, eu falei com ela ontem.*), de que não nos ocuparemos nesta tese.

No estudo de Arim, Ramilo e Freitas (2003), sobre as estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses, os autores debruçam-se sobre as orações relativas que integram verbos que regem uma preposição, ou seja, as relativas preposicionadas, apoiando-se no corpus REDIP que contempla linguagem produzida na rádio, televisão e imprensa em Portugal, no ano de 1998. De acordo com os dados recolhidos, os autores mostram que, apesar de a estratégia resuntiva existir há muito tempo no PE, a estratégia cortadora revela-se a mais produtiva e menos marcada. No quadro que apresentam encontra-se apenas duas orações relativas resuntivas. A estratégia canónica é a mais frequente, mas convém não esquecer o tipo de *corpus* a que os autores recorrem. Os média são compostos, à partida, por pessoas com um elevado grau de escolaridade, logo,

possuem uma forma de comunicação cuidada e estilizada, uma vez que esta é uma importante ferramenta de trabalho. Como tal, utilizam regras, normas que lhes retiram a espontaneidade e a naturalidade do discurso. Ainda assim, verifica-se um uso considerável de cortadoras. Abaixo segue a Tabela 4:

Tabela 4 — Ocorrência de estratégias relativas no REDIP (reproduzido de Arim, Ramilo e Freitas 2003).

<b>Tipo de relativa</b>	<b>Casos atestados</b>	<b>%</b>
Relativas canónicas	189	71
Relativas cortadoras	74	28
Relativas resumptivas	2	1
<b>Total</b>	<b>265</b>	<b>100%</b>

Neste estudo, é feita referência a Bagno ((2001) citado em Arim, Ramilo e Freitas (2003)) que também apresenta tabelas percentuais do uso das diferentes estratégias por falantes cultos do PB. Os dados registados na Tabela 5 correspondem à língua falada.

Tabela 5 — Resultado percentual de ocorrências de tipos de relativas na oralidade no REDIP (reproduzido de Arim, Ramilo e Freitas 2003).

<b>Tipo de Relativas</b>	<b>Percentagem</b>	<b>Tipo de Relativas</b>	<b>Percentagem</b>
Relativas Padrão	20,5%	Relativas Resumptivas	6%
Relativas Não-Padrão	79,5%	Relativas Cortadoras	94%

Através destes dados, conclui-se que, assim como acontece com o PE, também a estratégia cortadora é a mais frequente, pelo que a resuntiva é tida como marginal por grande parte dos falantes. Os autores afirmam que o mais importante a reter é o facto de no PB a estratégia cortadora se sobrepôr à canónica, enquanto no PE a mais frequente é a estrutura canónica. Ora, como referido acima, estamos perante um *corpus* que contém linguagem dos meios de comunicação social, mas que mesmo assim apresenta algumas construções com a estratégia cortadora. Na Parte II, o estudo empírico desta tese revela que esta ideia dos autores não traduz o que de facto acontece no PE.



Sobre a estratégia cortadora, os autores apresentam a Tabela 6 que segue abaixo com os verbos que potenciam a omissão da preposição.

Tabela 6 — Omissão de preposição na estratégia cortadora (reproduzido de Arim, Ramilo e Freitas 2003).

Verbo	Percentagem com que a preposição é suprimida	Número de orações em que se verificou a supressão
Falar (de)	74%	17
Gostar (de)	83%	5
Chamar (a)	83%	10
Precisar (de)	100%	6

Tal como acontece com os verbos, os autores também mostram as preposições que são mais facilmente omitidas, veja-se a Figura 2:

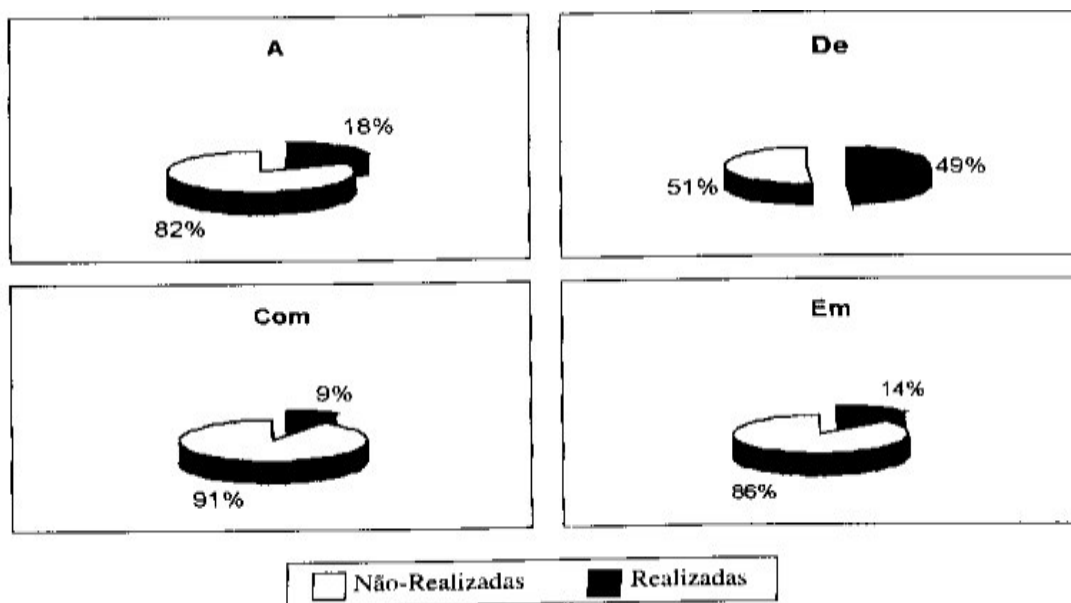


Figura 2 — Resultado percentual da omissão de preposições contabilizadas no REDIP (reproduzido de Arim, Ramilo e Freitas 2003).

Tendo em conta as orações relativas nas quais o pronome relativo é complemento do verbo, os autores sugerem que é o tipo de preposição que determina a sua omissão e não o verbo, ainda que esta ideia não possa ser generalizada (Arim, Ramilo, Freitas, 2003: 284). Isto porque o verbo *falar* pode ocorrer com diferentes preposições que apresentam diferentes tendências no que respeita à sua omissão (*falar de, falar com, falar em*, etc). Por outro lado, o primeiro gráfico mostra que a preposição *a* é realizada em 82% dos casos, ainda que quando ocorre com o verbo *chamar* a tendência é desaparecer (Arim, Ramilo, Freitas, 2003: 284). Assim, conclui-se que tanto o tipo de preposição como o tipo de verbo constituem fatores determinantes para a frequência da estratégia cortadora.

Kato (2008) aponta para as preposições que podem e para as que não podem ser apagadas no contexto das orações relativas. A autora parte das construções de tópico-comentário para estabelecer um paralelismo com as construções relativas.

Os complementos nominais e alguns complementos verbais apresentam uma preposição, que tem a função de atribuir caso ao SN. No entanto, em construções de tópico, a presença da preposição não é obrigatória em PB, como exemplificado a seguir (Kato, 2008):

(19) a. Eu conheci o pai \*(d)o Pedro na festa.

b. (D)o Pedro, eu conheci o pai \_\_na festa.

(20) a. João disse que vai precisar \*(d)o artigo dele amanhã.

b. (D)o artigo dele, João disse que vai precisar \_\_amanhã.

A autora usa o conceito *default* para o caso dos pronomes fortes numa língua, isto é, defende que não têm uma categoria atribuidora de caso. Para o PE e PB é o nominativo o *default*, mas no que respeita a outras línguas podem ser outros (Almeida e Lima-Salles, 2011).

Com complementos preposicionados está presente um pronome oblíquo (fraco) que pode ser mantido na posição de tópico através de *pied-piping*. Em PB, a preposição pode estar ausente. Nesse caso, é a forma *default* que se apresenta na posição de tópico (Kato, 2008), como mostram os exemplos 21:

(21) a. O Pedro não gosta de mim <sub>dat/obl</sub>.

b. De mim<sub>dat/obl</sub> o Pedro não gosta.

c. EU<sub>default</sub>, o Pedro não gosta (de mim).

- d. \*Mim<sub>dat/obl</sub> , o Pedro não gosta.
- e. \*D'EU<sub>default</sub> , o Pedro não gosta.

A proposta de Kato (2008) afirma que, se nos casos de tópico podemos apagar a preposição, isso pode explicar a sua ausência numa relativa. Se a extração do sintagma-Q se der a partir da posição de tópico, então o resultado será uma relativa cortadora. Segundo a autora, as estratégias cortadora e resuntiva partem de construções de tópico, enquanto uma relativa padrão extrai o SP da posição que ocupa no interior da oração.

- (22) a. Eu gosto d [esse autor]<sub>obl</sub>. a1. O autor de que(m) eu gosto.
- b. Esse autor<sub>default</sub>, eu gosto dele. b1. O autor que eu gosto dele.
- c. Esse autor de<sub>fault</sub>, eu gosto \_\_. c1. O autor que eu gosto \_\_ .

No que toca às preposições, a autora argumenta que apenas as preposições selecionadas por verbos na estrutura profunda são as opcionais, por outras palavras, estas preposições podem estar ausentes em construções de relativização por não serem obrigatórias na numeração, ao contrário das que atribuem caso estrutural na estrutura de superfície (Almeida e Lima-Salles, 2011). Os exemplos abaixo estabelecem o contraste de gramaticalidade das preposições opcionais e das obrigatórias (Almeida e Lima-Salles, 2011).

- (23) a. A faca (com) que eu cortei o queijo.
  - b. A faca \*(com) que eu comi o queijo.
- 
- (24) a. A garota (a) que(m) o Pedro deu um doce.
  - b. O mendigo \*(para) que(m) o Pedro comprou um sanduíche.

Na Parte II deste trabalho será feita uma reflexão acerca desta ideia de Kato (1993), tendo como base o estudo empírico que foi feito e fazendo um confronto com os resultados obtidos.

#### **4. Teoria da antinaturalidade de *pied-piping* por Kenedy (2007)**

O Minimalismo sustenta que a FL funciona a favor de uma perfeição dos sistemas de desempenho, uma vez que otimiza as condições de legibilidade por eles impostas.

Kenedy (2007) aponta uma série de problemas e críticas respeitantes à tese do Minimalismo, que sustenta com base no estudo que levou a cabo.

Os falantes recorrem à computação de estruturas mínimas já que existem limitações da memória humana que motivam essas mesmas estruturas. Com isto, defende-se que, sempre que possível, optamos por construções menos complexas, que envolvam operações menos custosas. A variedade de relativas preposicionadas vem quebrar este raciocínio, constituindo uma incongruência teórica para a linguística formal de orientação Minimalista, tendo em conta o carácter económico atribuído à FL.

Para cumprir as questões de economia, o sistema computacional da linguagem terá que ter em conta o material a ser deslocado numa derivação através da operação *Mover* (Kenedy 2007: 42), sendo que essa deslocação deverá ser com a menor quantidade de material linguístico possível. O *pied-piping*, resumidamente, consiste no movimento de um constituinte SN, que arrasta todo o SP consigo, e só é permitido pelo sistema como último recurso. É um movimento mínimo forçado pelo princípio da Interpretação Plena (IP) do PM, que implica que as interfaces (FF e FL) não possuam elementos estranhos ao sistema que não possam ser interpretados por eles (Chomsky, 1995: 27). Pode haver interpretabilidade sem que haja legibilidade:

(25) a. \*Eu esperava os estudantes ter chegado a tempo.

b. Eu esperava que os estudantes tivessem chegado a tempo.

Como vemos, na primeira frase a derivação fracassa em FL, no sentido em que não existe concordância verbal nem presença do complemento *que*, mas a frase é interpretável. Portanto, as condições de legibilidade não são definitivas para a interpretação, mas sim a melhor maneira de satisfazer os princípios particulares de funcionamento dos sistemas de performance (Chomsky 1999: 29).

A hipótese da antinaturalidade de *pied-piping* (APP) proposta por Kenedy (2007) sustenta, de uma forma geral, que o Sistema Computacional da Linguagem Humana não é capaz de produzir, de maneira natural, relativas com *pied-piping* (Ppp) uma vez que estas violam as condições de economia do sistema e por isso devem ser bloqueadas por derivações menos custosas, seja as estruturas com *prepositional-stranding* (Pst) ou com as estratégias cortadora e resuntiva.

O autor assume a proposta de Radford (2004), que estabelece o Princípio de Convergência, onde resume a forma como é minimizado o custo derivacional de *pied-piping* pelo Sistema Computacional, preservando as condições de economia:

“Um núcleo que atrai o constituinte com o traço [T] desencadeia o movimento do menor constituinte disponível que contém [T] e conduz a uma derivação convergente.” (Kenedy 2007)

Este Princípio prevê que o movimento do Sintagma Determinante (DP, Determiner Phrase) em que se encontra o traço WH (traço dos morfemas Q) se dê deixando *in situ* (stranding) a preposição (Kenedy, 2007). Desta forma, na derivação da relativa com Pst do inglês (*the person who I talked to*), desloca-se o material mínimo necessário para a convergência (Kenedy 2007):

[N person [CP [DP who]<sub>i</sub> WH [TP I [vP talked [PP to [~~DP who~~]<sub>i</sub>]]]]]

Esta é uma estratégia mínima à qual se opõe o *Prepositional pied-piping*, (*the person to whom I have talked*), em que movimento do DP não recai somente sobre este, mas também sobre o SP que o domina. Por esta razão, as relativas Ppp deverão ser consideradas derivacionalmente mais custosas do que as relativas com Pst (Kenedy, 2007). Vejamos a estrutura de Ppp por oposição à anterior Pst:

[N person [CP [PP to [DP whom]]<sub>i</sub> WH [TP I [vP talked [PP to [~~DP which~~]]<sub>i</sub>]]]]]

Nesta representação, o princípio de economia não é respeitado. Deste modo, devemos interpretar a existência das relativas Ppp como sendo adquiridas em fase de escolarização, ou outras formas de aprendizagem, dado que, por hipótese, não farão parte da gramática natural das línguas. A hipótese APP vê estas construções como antinaturais e, por isso, para além de serem resultado de competências adquiridas de forma artificial, são também alvo de alguma hesitação por parte dos falantes que as produzem.

Kenedy (2008) assume a existência de pelo menos quatro estratégias de relativização nas línguas humanas com constituinte preposicionado — as relativas com Pst, com Ppp, as *resuntivas* e as cortadoras — e interpreta esta variedade de relativas preposicionadas como *derivações em competição*.

De acordo com o autor, a derivação das relativas cortadoras e resuntivas é em tudo idêntica à das relativas com Pst (Kenedy, 2007: 61). Esta poderá ser uma interpretação estranha numa primeira fase, se partirmos do princípio de que, nas relativas cortadoras, a

preposição não é manifestada foneticamente e, portanto, não apresentaria a mesma numeração que as Ppp; por outro lado, as relativas resuntivas manifestam um pronome pessoal que não está presente em cortadoras, nem em Ppp, razão pela qual também deveriam possuir numeração distinta. No entanto, e adotando uma perspectiva minimalista da linguagem, os itens que compõem uma derivação deverão ser distintos dos que reconhecemos numa manifestação morfofonológica em FF (Kenedy, 2007: 61). Estes itens deverão ser considerados traços abstratos que compõem uma numeração e a partir dos quais o Sistema Computacional irá produzir objetos sintáticos.

Com isto, o autor acredita que todas as estratégias possuem a mesma numeração, ou seja, o mesmo número de traços que dão entrada na computação, servindo como evidência empírica o facto de atribuirmos a mesma interpretação às diferentes construções em FL (Kenedy, 2007: 61).

Nesta perspectiva, as relativas Ppp materializam uma derivação não mínima que deverá ser bloqueada pelo Sistema Computacional, já que viola uma das suas condições naturais. Assim, o autor defende que estas relativas são fruto do contacto com a cultura escrita e a escola, e são, portanto, anti-naturais. Por conseguinte, é esperado que os indivíduos com pouca ou nenhuma escolaridade não produzam estas orações. Kenedy (2007) apoia esta ideia com base em estudos realizados em crianças em fase pré-escolar, falantes do inglês, francês e espanhol. Estes serão brevemente apresentados na secção seguinte.

Antes de concluirmos a apresentação da análise de Kenedy, importa salientar que um problema que esta análise enfrenta é o facto de a estratégia com Pst não ocorrer em português. A propósito desta questão, Kenedy (2007) indica a existência de casos restritos em que podem ocorrer relativas Pst no PB. Vejam-se os exemplos:

- (26) a. Tv por assinatura, você não pode ficar sem.
- b. Eu vou votar contra.
- c. Esse não é o tópico central da palestra, mas ele deve falar sobre.

O autor defende que a estratégia com Pst em PB está sujeita a uma restrição: só pode ocorrer com as preposições que não exibem amalgamento com o artigo que inicia o SN complemento. O ocorrência de amalgamento é o que distingue as preposições *com*, *sem*, *sobre*, das preposições *de*, *a*, *em*. O autor defende que as preposições do segundo grupo são as que não admitem Pst:

d. \* Esse não é o tópico central da palestra, mas ele deve falar de.

Assim, o *stranding* de P ocorre em função dos traços gramaticais da preposição e não de outro parâmetro grammatical (Kenedy, 2005 citado em Kenedy, 2007).

O problema, contudo, é que, no caso do PE, os exemplos acima mencionados são agramaticais. Isto é, não importa a possibilidade de amalgamento da preposição, pois nenhuma forma parece ser aceitável para realizar relativas Pst no PE.

Não obstante, colocando de lado os mecanismos subjacentes à generalização em causa, parece-nos que Kennedy está certo quanto afirma que as relativas Ppp são *antinaturais* tanto no PE como no PB, o que contraria a afirmação de Tarallo (1983) sobre as estratégias cortadora e resuntiva serem uma inovação do PB. No estudo empírico que é realizado e apresentado na Parte II deste trabalho, será possível verificar que a estratégia cortadora é a que é produzida mais frequentemente na fala dos falantes nativos do PE, independentemente da escolaridade. Os estudos sobre a aquisição das relativas preposicionadas vêm, também, confirmar esta ideia, como veremos na próxima secção.

## 5. Estudos sobre aquisição de relativas preposicionadas

Os estudos que Kenedy (2008) apresenta não são propriamente sobre as relativas preposicionadas, exceto o do inglês, mas é possível retirar algumas conclusões a partir dos mesmos. O autor começa por apresentar um estudo feito por McDaniel et al. em 1998 onde é possível observar a existência de *pied-piping* nas genitivas do inglês em oposição ao *stranding*:

(27) a. *Stranding* em genitivas: \* This is the boy [whose] Ms. Piggy likes [cat].

b. *Pied-piping* em genitivas: This is the boy [whose cat] Ms. Piggy likes.

O facto de *pied-piping* estar presente em relativas genitivas do inglês pode dar a entender que as crianças desta língua realizem a estrutura nestas orações, em fase de aquisição, mas não em relativas preposicionadas. Este estudo envolveu a participação de mais de 100 crianças norte-americanas com uma média de 7 anos e 3 meses. Foram aplicados testes para induzir a produção de relativas nas crianças, em que os resultados obtidos indicam que houve uma utilização quase total, acima dos 95%, de Pst na formação de relativas preposicionadas. Tal como a APP previa, não houve ocorrência de relativas

Ppp. As estratégias cortadora e resuntiva mostram-se marginais e no que diz respeito às genitivas, o *stranding* nunca ocorre.

O outro estudo foi levado a cabo por Labelle (1988; 1990 citado em Kenedy, 2007) e consistia na existência, ou não, da regra do movimento dos pronomes relativos em fase de aquisição do francês do Canadá. Tal como no anterior, foram aplicados testes de fala induzida, para observar a existência de estratégias que envolvem movimento, tal como o *pied-piping*. Não é um estudo especificamente direcionado para as relativas preposicionadas, mas existem referências a relativas de objeto indireto e com função oblíqua que serão úteis para a APP. Participaram mais de 100 crianças, das quais nenhuma produziu sequer uma relativa Ppp. Também nenhum caso de Pst foi registado, contrariamente ao que aconteceu com o inglês. As relativas preposicionadas que ocorreram são essencialmente as cortadoras (53%) e resuntivas (31%).

No que diz respeito ao espanhol, a experiência foi realizada por Pérez-Leroux (1995 citado em Kenedy, 2007) que procurou verificar a produtividade da estratégia resuntiva no espanhol, no sentido em que assume que os pronomes resuntivos decorrem do movimento e não são gerados *in situ*. Os participantes foram também crianças em fase de aquisição da língua. As relativas preposicionadas ocorreram com baixa percentagem, mas ainda assim foi possível verificar que não ocorreram relativas Ppp nem Pst, mas apenas cortadoras e resuntivas.

O resultado destas pesquisas parece indicar comportamentos semelhantes relativamente ao uso de relativas preposicionadas e que vão de encontro à teoria APP – todas evitam o uso de relativas Ppp.

No que toca ao português, não existem estudos realizados sobre a aquisição de relativas, mas Kenedy (2008) afirma que não poderá andar longe destas conclusões. Ainda assim, o autor realizou um estudo com falantes do PB e PE.

Recorde-se que Tarallo (1983) defendeu que que as relativas resuntivas e cortadoras eram uma criação da gramática do PB, enquanto no PE as relativas Ppp ocorreriam naturalmente. Através de um estudo com juízos de agramaticalidade e leitura automonitorizada, o autor apresentou relativas Ppp e cortadoras gramaticais e agramaticais, como sendo as variáveis independentes em termos metodológicos. Os participantes teriam, então, que fazer um julgamento de aceitabilidade sobre as frases apresentadas. Tendo em conta a APP, era esperado que houvesse alguma hesitação e alguma dificuldade em distinguir Ppp gramatical de Ppp agramatical, sendo que está postulado que se trate de uma



estrutura artificial. Por oposição, parece ser fácil para os sujeitos julgar a gramaticalidade ou agramaticalidade nas relativas cortadoras, já que se trata de uma estrutura natural, adquirida no processo de aquisição da língua e que faz parte da *core-grammar* presente na mente dos indivíduos (Kenedy, 2008). Vejamos alguns exemplos das frases utilizadas:

- (28) a. O petróleo é um recurso natural que todas as economias dependem.  
(Cortadora gramatical)
- b. \*O petróleo é um recurso natural o qual todas as economias dependem.  
(Cortadora agramatical)
- c. O petróleo é um recurso natural de que todas as economias dependem. (Ppp gramatical)
- d. \*O petróleo é um recurso natural de qual todas as economias dependem.  
(Ppp agramatical)

Os participantes eram estudantes do primeiro ano da faculdade, um grupo de 20 brasileiros e outro de 20 portugueses. Os resultados obtidos favorecem a APP. De facto, não houve grandes diferenças entre os sujeitos do PB e do PE, que manifestaram sistematicamente julgamentos aceitáveis para as cortadoras gramaticais e inaceitáveis para as cortadoras agramaticais. Já no que diz respeito às Ppp, demonstraram considerar aceitáveis tanto as Ppp gramaticais como as agramaticais. Assim, podemos ver que os sujeitos das duas nacionalidades reconhecem as relativas cortadoras como um fenómeno natural, contrariamente à ideia de ser uma construção desviante que não faz parte da gramática portuguesa. Também se constatou que os sujeitos não são capazes de detetar automaticamente as relativas Ppp por ser uma estrutura estranha à sua competência linguística natural, e daí considerarem aceitáveis tanto as frases gramaticais como as agramaticais.

Também Antunes e Brito (2007), no estudo que fizeram sobre o caso das orações relativas no PE em alunos do ensino básico, verificaram que, quando se tratava de realizar orações relativas, sendo o constituinte um SPREP, o uso da estratégia cortadora era a opção escolhida. Também noutros casos era possível observar a troca de pronomes como *quem* e *o/a qual* pelo morfema *que* e por isso, segundo os autores, há uma preferência por este constituinte, talvez por ser a forma uniforme do pronome relativo, sem marcas de [+humano] e sem marcas flexionais, que estariam, por exemplo, em *o qual* [+masc, +sing]. Para chegarem a estas e outras conclusões, realizaram, com 100 alunos do nono ano,

atividades que induziam à construção de orações relativas. O teste consistia em unir duas frases simples, formando uma frase complexa, sem instrução direta para o tipo de construção a usar. Na segunda frase, propositadamente, estava um demonstrativo precedido de um sintagma comum à primeira. Havendo correferência entre os elementos, era esperado que os alunos recorressem a construções relativas. Verifica-se, assim, que os dados de aquisição reforçam a ideia de que a estratégia mais natural para os falantes é a estratégia cortadora.

Antes de apresentar a componente prática deste estudo convém salientar os principais fundamentos teóricos, quer ao nível da sintaxe, quer ao nível da sociolinguística, que sustentarão a análise dos dados recolhidos. No caso da segunda, é incontornável referir Labov e a respetiva Teoria Variacionista (1981) que enfatiza a relação entre o contexto social em que se insere o falante e os padrões linguísticos variáveis, argumentando a existência de uma relação direta entre ambos e, por isso, são importantes para um estudo de variação. É, precisamente, na conjugação das variáveis linguísticas e não linguísticas que se perfila a parte empírica deste estudo.

Em paralelo com a perspetiva sociolinguística, estuda-se a perspetiva sintática focada, em particular, num tipo de estrutura de relativização vista, regularmente, como desviante, por oposição à estratégia canónica de construção de orações relativas no PE (Peres e Móia, 1995). Referimo-nos, neste caso, à estratégia cortadora que, simplifadamente, consiste na ausência da preposição que precede o pronome relativo, sendo a oração relativa iniciada somente pelo pronome. A partir da hipótese de Kenedy (2007) de que essa estrutura canónica é antinatural, isto é, não faz parte da gramática natural dos indivíduos, pretende-se verificar a frequência de relativas cortadoras recorrendo ao corpus PFSB que dispõe de amostras de discurso oral. Para este efeito, o estudo estatístico cruza fatores externos, como a idade e a escolaridade, com a realização ou não da estratégia cortadora, bem como os elementos sintáticos constituintes de uma oração relativa oblíqua. É com base nesta problemática que se formula a hipótese de trabalho nesta tese, com o objetivo de determinar o impacto dos fatores escolaridade e idade na produção de relativas oblíquas com *pied-piping*. Nesta sequência, estabelecem-se os pontos a testar para uma melhor compreensão da ocorrência de cortadoras, nomeadamente: verificar com que preposições é que se observa um maior uso de cortadoras, e analisar e quantificar as ocorrências de *pied-piping* mediante a função

sintática (de complemento ou de adjunto) do sintagma-Q que acompanha a estrutura, bem como as preposições mais e menos produzidas.

Os resultados e respetiva reflexão ocupam a Parte II que agora se apresenta.

## PARTE II — TRABALHO DESENVOLVIDO

### 6. Metodologia

Como já foi referido, o *corpus* utilizado para a análise do fenómeno *pied-piping* em orações relativas foi adaptado a partir do material recolhido para o projeto PSFB, sendo necessário estabelecer parâmetros sociolinguístico de seleção — idade e escolaridade — para especificar o grupo de sujeitos em análise. Nos pontos que se seguem, procede-se à descrição detalhada dos procedimentos para a composição do *corpus* linguístico.

#### 6.1. Sujeitos

Foram seleccionadas 29 entrevistas, já transcritas, todas referentes ao género feminino, com o intuito de focalizar a análise comparativa nas variáveis sociais idade e escolaridade. Com esta opção, o estudo empreendido pretende focar a influência dessas variáveis na presença ou não de *pied-piping* nas orações relativas. Este trabalho, dada a sua dimensão, é projetado como uma linha de investigação futura, como já foi referido na introdução.

No projeto PSFB foram contempladas quatro faixas etárias, sendo elas: a faixa 1, dos 15 ao 25; a faixa 2, dos 26 aos 59; a faixa 3, dos 60 aos 75 e, por último, a faixa 4 acima dos 75 anos. Para efeitos da análise desta tese, foram usados dois sujeitos de cada uma das faixas etárias enumeradas.

No que diz respeito à variável escolaridade, estão contemplados quatro níveis: nível A, analfabetos ou até à 3ª classe; nível B até ao 9º ano ou equivalente; nível C, 12º ano ou equivalente, e o nível D, que corresponde ao ensino superior. Tal como aconteceu com a variável idade, também foram seleccionados dois sujeitos de cada um destes níveis. Porém, a seleção destes pares de indivíduos foi cruzada entre as duas variáveis, multiplicando o número de sujeitos, com exceção da combinação 1A, por não haver falantes com esta condição no *corpus* PSFB, e da combinação 2A em que só foi possível encontrar um falante e não dois, como nos restantes casos. Para melhor compreensão apresenta-se a Tabela 4, esquemática da nomenclatura atribuída às 28 amostras.

Destaca-se os números atribuídos em cada combinação que correspondem ao número do falante tal como é identificado pelo PSFB. Deste modo, futuramente, caso seja

necessário recorrer às amostras linguísticas originais, será mais fácil a sua localização no *corpus* do PSFB.

Tabela 7 — Nomenclatura atribuída às entrevistas analisadas.

		Níveis de Escolaridade			
		A	B	C	D
2x	1	—	47, 48	50, 51	53, 54
	2	55	58, 59	62, 63	64, 65
	3	67, 68	71, 72	73, 74	76, 78
	4	79, 80	82, 83	86, 87	88, 90

## 6.2. Materiais

Para além do suporte áudio e respetiva transcrição das entrevistas selecionadas do PSFB, foram produzidas tabelas que contêm as frases consideradas relevantes para a análise em curso. A elaboração destes instrumentos de trabalho será descrita com maior detalhe na secção 4.3., Procedimentos.

## 6.3. Procedimentos

As 28 entrevistas foram compiladas num só *corpus*, recorrendo-se à ferramenta de procura *Exakt* do *EXMARaLDA*, para facilitar a pesquisa das frases com os pronomes relativos *quem, que, onde, o qual, a qual, os quais, as quais, aonde*. Das frases que daí resultaram, excluámos as que não eram relativas preposicionadas e, posteriormente, analisámos cada frase procurando a existência ou não de *pied-piping*.

Este inventário, já organizado em tabela de formato *Excel*, foi dividido nos seguintes parâmetros de análise: (i) qual a Prep presente; (ii) omissão ou não da Prep; (iii) função do sintagma-Q (adjunto ou complemento); (iv) elemento regente do sintagma-Q; (v) relativa com ou sem antecedente; (vi) relativa de frase; (vii) relativa explicativa ou restritiva; (viii) relativa copiadora ou resuntiva e, por fim, (ix) falsa relativa.

Dos pronomes analisados, verificou-se que era com o pronome *que* que ocorria a estratégia cortadora, tal como descrito por Tarallo (1983) para o PB e, por isso, foram as

estruturas que continham este morfema as selecionadas para análise estatística. Os resultados obtidos são apresentados na secção seguinte.

## 7. Análise e Discussão dos Resultados

A estruturação da componente prática deste estudo começou pela quantificação do número ocorrências de cada Prep (Tabela 8), que posteriormente foram analisadas quanto à presença ou não da Prep. Por outras palavras, procurou-se verificar com que Prep é mais frequente o uso da estratégia cortadora.

Tabela 8 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora em cada Prep

	N.º de ocorrências <i>em</i>	%	N.º de ocorrências <i>de</i>	%	N.º de ocorrências <i>a</i>	%	N.º de ocorrências <i>com</i>	%
<b>Ausência de Prep</b>	69	58,47	46	97,87	12	85,71	6	85,71
<b>Presença de Prep</b>	49	41,53	1	2,13	2	14,29	1	14,29
<b>Total</b>	118	100	47	100	14	100	7	100

Não foram contempladas preposições semanticamente plenas como *desde*, *até*, *por*, mas apenas as preposições marcadores de caso. Em construções topicalizadas estas são as preposições que mais são suprimidas, ao contrário das preposições plenas que são fundamentais para a compreensão de uma estrutura frásica. Por essa razão, dificilmente são omitidas (Duarte, 1996 citado em Orsini e Vasco, 2007).

Na Tabela 8, os resultados totais indicam que a Prep *em* é a que mais ocorre em orações relativas preposicionadas, com um total de 118 ocorrências. Esta Prep tem um comportamento equilibrado, mas ainda assim, a ausência da preposição é mais frequente do que a sua presença, com 58,47% contra 41,53%, respetivamente.

No caso da preposição *de* o total de ocorrências é menor que com *em*, 47 vezes, das quais apenas se verificou um caso em que não há corte da Prep. Este resultado é facilmente justificado se observarmos o exemplo em causa:

(29) Pronto, incomodou na altura, porque foram bens que que/ tinha e que... *de* que tinha gosto •• e senti muito.

A barra oblíqua simboliza uma alteração no discurso do falante 73 3C, assinalando uma reformulação que serviu para contrariar a intuição do próprio sujeito, que apontaria para uma estrutura não-padrão. Ao reformular, recorre à estrutura canónica das relativas preposicionadas, isto é, *pied-piping*. É relevante destacar que o falante em questão já possui o nível secundário completo, podendo justificar uma maior consciência linguística no que diz respeito à gramática normativa.

Quanto à Prep *a*, comparativamente às outras duas, a sua ocorrência é significativamente menor, com um total de 14 vezes. Deste total, em 12 existe corte da Prep por oposição a duas, que se apresentam nos exemplos abaixo:

(30) a. Eu ouvi essa entrevista. ••• E disse: - Pronto, aqui está, cá está. •• A situação a que nós chegámos é essa.

b. Claro que •• falo, •• como viu, •• toda esta minha vida a que me dediquei •• é precisamente para estar o mínimo de tempo possível em casa.

Estes exemplos foram produzidos por um falante com ensino superior 78 3D e, por essa razão, recorremos ao mesmo argumento do exemplo anterior, na medida em que se pressupõe uma maior consciência gramatical.

Por fim, a Prep *com* tem o menor número de ocorrências de todas as preposições contempladas. Ao todo verificaram-se seis orações envolvendo esta Prep, das quais só uma, produzida pelo falante 51 1C, não é cortadora, como mostra o exemplo:

(31) Pronto, foi a ideia com que eu fiquei quando quando estive com ele.

Mais uma vez estamos perante uma situação em que o falante possui o nível do secundário completo.

Na Tabela 9 e 10 pretendeu-se fazer um levantamento estatístico relativo à função sintática do SQ, que pode assumir a função de adjunto ou de complemento, respetivamente. Para principiar esta análise convém referir que a ocorrência de adjuntos comparativamente aos complementos é mais alta, com um diferencial de 108 ocorrências para 79.

A Tabela 9 contempla os adjuntos, adverbial e nominal, e contabiliza as ocorrências da Prep ou não.

Tabela 9 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora com adjuntos

<b>Função Do SQ</b>	<b>Adjunto adverbial</b>	<b>%</b>	<b>Adjunto nominal</b>	<b>%</b>
<b>Ausência de Prep</b>	51	54,26	9	69,23
<b>Presença de Prep</b>	43	45,26	4	30,77
Total	94	100	13	100

Em 95 ocorrências de adjunto adverbial, verifica-se a presença de Prep em 43 casos, enquanto nos restantes 51 a preposição é cortada. Similarmente, ainda que numa menor escala, também se verifica uma maior ausência do que presença da Prep em adjuntos nominais. Vejam-se os quatro casos em que se confirma a presença de Prep nestes adjuntos:

(32) “qualquer um ao curso, porque é um curso em que uma pessoa entra com uma média muito baixa” — 51 1C

(33) “não tenho ideia de haver nenhuma praxe em que alguém • • tentasse sequer chegar aos limites dos direitos humanos” — 51 1C

(34) “temos que perceber que existe um ponto em que temos que parar. • • Como como em tudo” — 51 1C

(35) “eu e a minha irmã, de morar num sítio em que temos acesso a tudo, em Santa Tecla é” — 63 2C

Os três primeiros exemplos foram produzidos pelo mesmo falante 51 1C, e o último pelo falante 63 2C. Ponderando as respetivas idades e níveis de escolaridade, é possível apontar para a influência destas variáveis na produção de frases em que a preposição está presente. Deste modo, é importante lembrar que se trata de falantes com o 12º ano de escolaridade, que estão próximos de começar ou que já começaram o período de vida ativa profissionalmente (Meyerhoff, 2006).

Paralelamente a esta hipótese, importa analisar os valores estatísticos da Tabela 9, nomeadamente o facto de haver um número considerável de presenças de Prep, 45,26% em adjuntos adverbiais e 30,77% em adjuntos nominais, ainda que a sua ausência seja em número superior.



Em contraste com estes resultados, apresentamos a Tabela 10 onde a presença de Prep é muito menos relevante, com 0% em complementos nominais e adjetivais, e apenas 8,57 em complementos verbais. Os resultados apontam para uma preferência clara pelo uso da estratégia cortadora, independentemente do tipo de complemento. Destaca-se ainda que as seis ocorrências de presença da Prep no complemento verbal não são muito significativas, já que a contagem total desse mesmo complemento é muito superior aos restantes, esbatendo as eventuais diferenças assinaladas quanto à presença da Prep.

Tabela 10 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora com complementos

Função	Complemento Nominal		Complemento Verbal		Complemento Adjetival	
		%		%		%
<b>Ausência de Prep</b>	6	100	65	91,55	3	100
<b>Presença de Prep</b>	0	0	6	8,57	0	0
Total	6	100	71	100	3	100

Retoma-se a apresentação de exemplos, mais concretamente, daqueles em que há presença de Prep:

(36) “o sair bem e mais vale ter •• algo em em que me segurar.” — 50 1C

(37) “ali no... •• Pronto, foi a ideia com que eu fiquei quando quando estive com ele” — 51 1C

(38) “a coisa. E chega a casa, no ano no ano em que ele está que agora vai para o nono, este” — 63 2C

(39) “Pronto, incomodou na altura, porque foram bens que que/ tinha e que... de que tinha gosto •• e senti muito. Mas até o” — 73 3C

(40) “aqui está, cá está. •• A situação a que nós chegámos é essa.” — 78 3D

(41) “•• como viu, •• toda esta minha vida a que me dediquei •• é precisamente para esta” — 78 3D

Todos estes falantes possuem os níveis mais altos de escolaridade, C e D respetivamente, reforçando a ideia de que a escolaridade influencia efetivamente a produção de preposições, que na maior parte dos casos estão ausentes.

Neste momento da análise estatística, torna-se importante fazer também o cruzamento de cada preposição com a função sintática do SQ, da qual resulta a Tabela 11.

Tabela 11 — Análise cruzada de preposições com a função de SQ

Preposições	Adjunto	Adjunto	Adjunto	Comp.	Comp.	Comp.
	Adverbial	Nominal	Adjetival	Verbal	Nominal	Adjetival
<b>a</b>	3	1	0	7	2	1
<b>com</b>	0	0	0	6	0	1
<b>de</b>	0	0	0	45	2	0
<b>em</b>	91	12	0	12	2	1

Para uma melhor compreensão da Tabela 11, convém resgatar os dados da Tabela 8 em que a preposição *em* se destaca como a mais produzida, por oposição à preposição *de* que se destaca como a mais omitida do discurso. Soma-se ainda os dados das Tabelas 9 e 10 que mostram que os adjuntos são menos suprimidos quando comparados com os complementos. Com esta informação, fazem sentido os valores obtidos na Tabela 8 em que a preposição mais produzida ocorre com adjuntos e a menos produzida ocorre com complementos.

De acordo com a teoria de Kato (Kato 2008, citado em Almeida e Lima-Salles, 2011: 1973), prevê-se que não haja supressão nos contextos em que a preposição não é selecionada por um predicador. Nos dados que se apresentam, há um total de 60 casos nos quais há supressão da preposição em adjuntos. Inicialmente pensou-se que estes casos se prendessem a situações em que estão presentes expressões fixas tais como *no dia em que* ou *na altura em que*, mas a verdade é que também se encontraram exemplos como os que seguem abaixo, e que imediatamente contrariaram esta ideia:

(42) “diferente, mas o/ na/ pelo menos na escola que ele andou, não sei se são todas assim” — 58 2B

(43) “gosto de cozinhas grandes. • • Uma cozinha que coubesse uma mesa de sala de jantar.” — 63 2C

(44) “o trabalho. Local de trabalho do meu pai, que ele trabalhava...Era gerente de uma comp” — 65 2D

(45) — “maneira •• ir lá e gostava de fazer um lar •• que cada um tivesse o seu quartinho, a sua kitchenette” 86 4C

(46) “Ora bem, o caso não foi o casar mais velha, nem mais nova, porque mais ou menos as minhas colegas casavam era, mais ou menos, essa idade que elas casavam: •• vinte e um, vinte e dois, era m” — 55 2A

(47) “Mas sei lá, eu já/ •• pronto, cursos que eu já tinha pensado antes de ir para Física, tinha sido, por exemplo, Engenharia Aeronáutica” — 51 1C

Até agora, a análise estatística incidiu sobre aspetos estritamente sintáticos, todavia o objetivo desta tese perspetiva a inclusão da influência das variáveis sociais, o que motiva a análise das tabelas seguintes.

A Tabela 12, organizada em função dos níveis de escolaridade, já descritos na Metodologia, apresenta valores que sustentam a teoria de Kenedy (2007) na medida em que é observável um efeito de escolarização que potencia a produção de *pied-piping*.

Tabela 12 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora nos diferentes níveis de escolaridade

Esc	A	%	B	%	C	%	D	%
<b>Ausência de Prep</b>	26	92,86	47	92,16	27	56,25	34	56,67
<b>Presença de Prep</b>	2	7,14	4	7,84	21	43,75	26	43,33
Total	28	100	51	100	48	100	60	100

Em primeiro lugar, importa lembrar a ausência de falantes para a combinação 1A e a existência de apenas um na combinação 2A, já que essas amostras não estavam disponíveis no *corpus* do PSFB, como já foi explicado na secção 4.1. da tese. É aceitável que tal facto tenha influenciado o baixo número de ocorrências no nível A quando comparados com os restantes. Ainda assim, recorre-se aos resultados obtidos para verificar a variação de percentagens ao longo dos diferentes níveis.

À medida que o nível de escolaridade aumenta, C e D, a frequência de cortadoras diminui comparativamente aos níveis mais baixos, A e B, apontando para a confirmação da APP.

Na Tabela 13 os níveis de escolaridade são substituídos pelas faixas etárias, mantendo-se os restantes parâmetros de análise da tabela anterior.

Tabela 13 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora nas diferentes faixas etárias

<b>Faixa etária</b>	<b>1</b>	<b>%</b>	<b>2</b>	<b>%</b>	<b>3</b>	<b>%</b>	<b>4</b>	<b>%</b>
<b>Ausência de Prep</b>	28	48,28	47	74,60	35	92,11	24	85,71
<b>Presença de Prep</b>	30	51,72	16	25,40	3	7,89	4	14,29
Total	58	100	63	100	38	100	28	100

Observa-se que a maior diferença reside na faixa etária 1, onde há uma maior presença da Prep, embora não seja muito superior aos casos de ausências, contrariando a ideia de que as relativas cortadoras são mais frequentes. Nas faixas 2 e 3 há um aumento progressivo da estratégia cortadora, voltando a reduzir ligeiramente na faixa 4, ainda que seja relevante ter em conta que nesta última faixa há um menor número de ocorrências de relativas preposicionadas. É pertinente levantar a hipótese de se estar perante um indicador de mudança, já que gerações mais novas tendem a produzir menos cortadoras, o que poderá ser motivado pelos estímulos inerentes a uma vida ativa (Meyerhoff, 2006). Esta possibilidade poderia explicar os resultados da faixa 2, ainda que estejam próximos da faixa 3, mas dificilmente explicaria os resultados da faixa 1, visto que o mais provável é ser uma faixa influenciada pela escolaridade e não a integração na vida ativa. Por outras palavras, a faixa 1 inclui falantes dos 15 aos 25 anos que ou estão a estudar ou acabaram recentemente a escolaridade obrigatória e/ou um ciclo de ensino superior. Na verdade, estes resultados vão de encontro aos estudos realizados por Sankoff e Laberge (citado em Meyerhoff, 2006: 145) que introduziram o conceito de *linguistic marketplace* para quando nos referimos a ocupações ou atividades que estão associadas a um uso mais normativo da língua. Os autores notaram um maior pico de conformidade com uma determinada variante padrão quando os falantes estão no fim da adolescência e perto da casa dos vinte, e um maior declínio da mesma variante nos falantes que se encontram no final da meia idade e idosos. Para explicar a questão dos adolescentes e jovens, referem que pode resultar de um

maior envolvimento dos falantes em domínios onde é esperada uma forma de linguagem mais cuidada (Meyerhoff, 2006: 148). O reverso desta situação pode também explicar a questão dos idosos, na medida em que o seu envolvimento na vida ativa vai sendo atenuado com o passar dos anos e, por essa razão, voltam ao uso de formas não padrão.

Concluimos que, analisando a faixa etária de forma isolada, não é possível inferir conclusões significativas, já que os resultados apresentados não variam entre si, excepto no caso da faixa 1, que é a mais equilibrada. Tal facto pode dever-se a uma influência escolar mais ativa no desempenho linguístico dos sujeitos.

Para colmatar o problema exposto no parágrafo anterior, procede-se a uma análise estatística combinada das duas variáveis sociais em estudo. As tabelas que se seguem organizam-se em função de cada faixa etária, devidamente cruzadas com os diferentes níveis de escolaridade.

A análise da Tabela 14 levanta interrogações quanto à diminuição da estratégia cortadora nos três níveis. De B para C há uma significativa redução, de 73,33% para 23,81%; de B para D também ocorre uma redução, ainda que menor, de 73,33% para 54,55%. Estes valores são indicadores do efeito da escolarização na construção sintática das orações relativas preposicionadas. Por outro lado, de C para D, não se verifica o mesmo comportamento, isto é, há um aumento da ausência da Prep num nível mais elevado de escolaridade. Esta constatação contraria a APP que até agora foi sendo sustentada pelas tabelas anteriores.

Tabela 14 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 1 em combinação com os níveis de escolaridade

Faixa etária 1								
Esc.	A	%	B	%	C	%	D	%
<b>Ausência de Prep</b>	—	—	11	73,33	5	23,81	12	54,55
<b>Presença de Prep</b>	—	—	4	26,67	16	76,19	10	45,45
Total	—	—	15	100	21	100	22	100

De forma inequívoca, a Tabela 15 ilustra uma menor ausência de Prep assim que se passa para o nível mais alto de escolaridade, o que sustenta, mais uma vez, a APP.

Tabela 15 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 2 em combinação com os níveis de escolaridade

<b>Faixa etária 2</b>								
<b>Esc.</b>	<b>A</b>	<b>%</b>	<b>B</b>	<b>%</b>	<b>C</b>	<b>%</b>	<b>D</b>	<b>%</b>
<b>Ausência de Prep</b>	5	100	22	100	12	75	8	40
<b>Presença de Prep</b>	0	0	0	0	4	25	12	60
<b>Total</b>	5	0	22	100	16	100	20	100

A partir da Tabela 16 já se considera para efeitos estatísticos o cruzamento com o nível de escolaridade A. Esta tabela sugere o mesmo que a que precede, mais uma vez, verificando-se o efeito da escolarização, ainda que com diferenças menos acentuadas, sendo que os níveis A e B apresentam um valor percentual de 100% de ausência da Prep, descendo ligeiramente em C e D, para 87,50% e 77,78% respetivamente.

Tabela 16 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 3 em combinação com os níveis de escolaridade

<b>Faixa etária 3</b>								
<b>Esc.</b>	<b>A</b>	<b>%</b>	<b>B</b>	<b>%</b>	<b>C</b>	<b>%</b>	<b>D</b>	<b>%</b>
<b>Ausência de Prep</b>	14	100	7	100	7	87,50	7	77,78
<b>Presença de Prep</b>	0	0	0	0	1	12,50	2	22,22
<b>Total</b>	14	100	7	100	8	100	9	100

A Tabela 17 apresenta resultados curiosos e inesperados já que os níveis extremos de escolaridade A e D apresentam exatamente os mesmos resultados.

Tabela 17 — Análise comparativa do número de ocorrências da estratégia cortadora na faixa 4 em combinação com os níveis de escolaridade

Faixa etária 4								
Esc.	A	%	B	%	C	%	D	%
<b>Ausência de Prep</b>	7	77,78	7	100	3	100	7	77,78
<b>Presença de Prep</b>	2	22,22	0	0	0	0	2	22,22
Total	9	100	7	100	3	100	9	100

Em B e C a ausência da Prep é de 100%, acompanhada de uma redução no nível D, o que mostra o efeito de escolarização. Estranho é o facto de no nível A existir o mesmo número de presenças de Prep que no nível D, contabilizando-se dois casos para cada nível. A função do SQ nesses casos é também a mesma: a de adjunto adverbial — observem-se os quatro exemplos correspondentes:

(48) “• • Sei o dia em que eles/ no mês em que eles nasceram, o que não lhe sei dizer é” — 80 4A

(49) o que não lhe sei dizer é o ano, mas eu sei o ano (em) que nasci.” — 80 4A

(50) “Eu faço uma toalha e por trás na bainha, dobro a bainha, • • por trás ponho Laura Fernandes Pinto e o ano em que faço aquilo. • • E eu ((incompreensível))” — 88 4D

(51) “porque não estou lá, • • mas no tempo em que eu era nova, • • coitados dos lavradores, até trabalhavam ao domingo.” — 90 4D

Na Tabela 9 foi possível observar que é com este adjunto que mais ocorrem relativas preposicionadas e também onde há um maior equilíbrio percentual de ausência de Prep comparado à presença e, por esta razão, poderá afirmar-se que no caso de SQ desempenhar esta função, será mais favorável a produção da Prep por parte dos falantes.

Por fim, seguem apenas dois exemplos onde se verificou a presença da estratégia resuntiva:

(52) Depois claro que houveram os outros dias que foi os que eu faltei • • ((hesitação))

(53) Dizer assim, houve um rapaz • • que eu tinha muita confiança • • com ele, • • com a família e dormia lá e tal.

De todas as orações analisadas, só se verificou a existência da estratégia resuntiva nestes dois exemplos, sendo que, curiosamente, o primeiro foi produzido por um falante de nível escolaridade D e o segundo por um falante de escolaridade nível A.

Importa acrescentar que é fundamental ponderar os resultados obtidos sob uma perspectiva mais geral, especialmente no que diz respeito aos indicadores escolaridade e idade, não pela clareza dos valores, mas, pelo contrário, pela pouca correlação explícita entre os esses dois fatores. Convém salvaguardar que se verifica uma influência da escolaridade sobre a não produção de relativas cortadoras, embora não suficiente para estabelecer um padrão normativo geral. Esta observação está diretamente relacionada com o tamanho do *corpus* selecionado para este estudo, pelo que se reconhece a necessidade de expandir a amostra na expectativa de conseguir valores mais relevantes e que permitam concluir com maior segurança a influência de fatores sociodemográficos neste tipo de construções sintáticas.



## 8. Conclusões

Com base na fundamentação teórico-prática descrita ao longo deste estudo, é possível concluir que a estratégia cortadora é, na maior parte das vezes, a estrutura a que os indivíduos recorrem, sendo mais frequente que a estrutura com *pied-piping*. Esta constatação, ilustrada nos valores contemplados pelas tabelas relativas à ausência e presença de preposição, suporta a APP no sentido em que se verifica o efeito do fator escolaridade como principal influente na concretização da estrutura com *pied-piping*. Esta afirmação valida o nosso objetivo geral de observação da estratégia cortadora no PE.

Analisou-se o comportamento das diferentes preposições face às suas ocorrências em orações relativas preposicionadas, nas quais, essencialmente, há mais ausência da Prep *de*; no entanto, no cômputo geral a Prep mais frequente é *em*, já mais equilibrada ao nível da sua ausência/presença. Verifica-se também o constante uso do morfema *que* em vez de *quem* nestas orações. Na estratégia cortadora a forma *que* funciona como uma forma neutra, insensível às diferenças de função sintática da posição a que está associada (Peres e Mória 1995: 276). A verdade é que estando presente *quem* há geralmente *pied-piping* da preposição, enquanto no caso de *que* é muito frequente a estratégia cortadora, como se constatou nos resultados obtidos. Isto poderá ser um argumento a favor da teoria de *que* como complementador, porque se a estrutura é diferente, e por um lado há movimento de um pronome em relativas com *quem* e *qual* e no caso de *que* o que há é o movimento de um operador nulo, então compreende-se esta divergência. O facto é que estas construções existem na fala espontânea, o que poderá indicar a antinaturalidade *de pied-piping*, isto é, as construções padrão não fazem parte da gramática interior do indivíduo

Relativamente à função do SQ, viu-se uma maior frequência de adjuntos por oposição a complementos, todavia é com complementos que mais ocorre a ausência de Prep, contabilizando-se apenas seis casos que fogem a esta regra (conforme exemplos 36 a 41).

Procurando aliar estas conclusões específicas de carácter sintático à perspectiva sociolinguística que procurámos integrar nesta tese, verificou-se alguma influência da escolaridade na produção da estratégia cortadora, ainda que esta não tenha sido muito elevada nas Faixa 3 e 4 (tabelas 16 e 17). Esta situação poderá explicar-se, conforme já mencionado, pelo facto de se tratar de faixas etárias em que se prevê uma menor participação em domínios que exijam um maior cuidado com o uso da linguagem, levando a que os falantes recorram ao uso mais frequente de variantes não-padrão.

Apesar de os dados avaliados apontarem para uma sustentação coerente da APP, reconhece-se a necessidade de expandir o *corpus*, reforçando os valores estatísticos e, preferencialmente, iniciar análises mais focalizadas nos casos em que há manifestação da Prep com o intuito de procurar outras características sintáticas e sociodemográficas favoreçam a sua produção, para além das já referidas.

As conclusões finais desta tese validam a pretensão inicial de contribuir para o estudo da estratégia cortadora na variedade do PE, através da obtenção de dados relevantes indicadores da sua frequente ocorrência como estrutura natural para os indivíduos.

## Bibliografia

- Alexandre, N. (2000). *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do Português Europeu*. — Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Almeida, J.; Lima-Salles, H. (2011). A análise das Estruturas Relativas do Português do Brasil em *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*, Curitiba.
- Arim, E., Ramilo, M. C., Freitas, T., (2004). *Estratégias de Relativização nos meios de comunicação social portugueses* em Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Antunes, J. D.; Brito, A. M. (2007). “Contribuição para a definição do perfil linguístico dos alunos do Ensino Básico: o caso das orações relativas” In Oliveira, F. e Duarte, I. M. (cord.) *O Fascínio da Linguagem*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Centro de Linguística, pp. 237-254.
- Brito, A. M. (1991). *Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos*. — Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Chimbutane, F. (1995). *A Estratégia de Pronome Resumptivo na Formação de Orações Relativas e Restritivas de Objeto Direto e de Oblíquo do Português de Moçambique*. — Dissertação de Licenciatura apresentada à Universidade Eduardo Mondlane.
- Chomsky, N. (1999). *O Programa Minimalista*. Lisboa: Editorial Caminho. Tradução por Eduardo Paiva Raposo.
- Coan, M.; Freitag, R. M. (2010) *Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino* em Revista Eletrónica de Linguística, Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799.

Corrêa, V. (1998) *Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. — Tese de Doutorado apresentada Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.

Kato, M. (1993). Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica. In: I. Roberts and M. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. 223-261.

Kenedy, E. (2007). *A Antinaturalidade de Pied-piping em Orações Relativas*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Kenedy, E. (2008) *As orações relativas preposicionadas e a hipótese da antinaturalidade de pied-piping*, Consultado em 3/2/2013, disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo07.pdf>

Labov, William (1984). *Field methods of the Project on Linguistic Change and Variation*. In: J. Baugh & J. Sherzer (eds.), *Language in Use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall. Pp. 28-53.

Mateus, M. H. M. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.

Meyerhoff, Miriam (2006) *Introducing Sociolinguistics*, EUA e Canadá: Taylor & Francis e-Library.

Móia, T.; Peres, J. A. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.

Mollica, M. C.; Braga, M. L. (orgs.) (2003). *Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação*. S. Paulo: Contexto.

Orsini, Mônica Tavares; Vasco, Sérgio Leitão (2007). *Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito*. In Revista Diadorim, vol. II. UFRJ, Brasil.

Turell, M. Teresa (2003) *Apparent and real time in studies of linguistic change and variation*, Consultado em 1/7/2013, disponível em [http://www6.gencat.cat/llengcat/noves/hm03tardor/docs/a\\_turell.pdf](http://www6.gencat.cat/llengcat/noves/hm03tardor/docs/a_turell.pdf)

Veloso, R. et al. (Colab.), (2013). Gramática do Português II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.